

**FACULDADE VALE DO CRICARÉ
MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIA,
TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO**

SORAIA JORDÃO SOUZA

**MODELAGEM EM ARTES NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A CULTURA
INDÍGENA COMO ESTRATÉGIA LÚDICA DE APRENDIZAGEM**

**SÃO MATEUS-ES
2020**

SORAIA JORDÃO SOUZA

MODELAGEM EM ARTES NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A CULTURA
INDÍGENA COMO ESTRATÉGIA LÚDICA DE APRENDIZAGEM

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência, Tecnologia e Educação.

Orientador (a): Prof.^a Dr.^a Désirée Gonçalves Raggi

SÃO MATEUS-ES
2020

Autorizada a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação

Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação

Faculdade Vale do Cricaré – São Mateus – ES

S719m

Souza, Soraia Jordão.

Modelagem em artes na educação infantil: a cultura indígena como estratégia lúdica de aprendizagem / Soraia Jordão Souza – São Mateus - ES, 2020.

101 f.: il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus - ES, 2020.

Orientação: prof^a. Dr^a. Désirée Gonçalves Raggi.

1. Modelagem. 2. Artes. 3. Atividades lúdicas com argila. 4. Cultura indígena. 5. Educação infantil. I. Raggi, Désirée Gonçalves. II. Título.

CDD: 370.111

Sidnei Fabio da Glória Lopes, bibliotecário ES-000641/O, CRB 6ª Região – MG e ES

SORAIA JORDÃO SOUZA

**MODELAGEM EM ARTES NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A
CULTURA INDÍGENA COMO ESTRATÉGIA LÚDICA DE
APRENDIZAGEM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré (FVC), como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Ciência, Tecnologia e Educação, na área de concentração Ciência, Tecnologia e Educação.

Aprovada em 24 de abril de 2020.

COMISSÃO EXAMINADORA



Profa. Dra. Desirée Gonçalves Raggi
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)
Orientadora



Profa. Dra. Kátia Gonçalves Castor
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)



Profa. Dra. Marcia Moreira de Araujo
Universidade Estadual do Norte
Fluminense Darcy Ribeiro (UENF)

Dedico a Deus pelas tantas bênçãos recebidas, a minha família que me ensinou princípios e valores e à amiga Sabrina de Sousa Proêza que, em todos os momentos, acreditou que eu era capaz, me incentivando a não desistir.

Aos meus alunos que contribuíram para a pesquisa e mostraram que carregam consigo um saber inexplicável.

Aos professores participantes da pesquisa que, assim como eu, ficaram perplexos com tamanha habilidade, criatividade e saberes revelados pelos alunos, por meio da modelagem com argila.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por seu infinito amor e misericórdia, o qual não permitiu que eu desistisse, mas me deu forças para seguir em frente, vencendo todos os obstáculos impostos no caminho.

Aos meus pais, Ailda e Deusdete, que me deram o apoio necessário nos momentos mais difíceis.

À grande amiga, Sabrina de Sousa Proêza, que, com seus conhecimentos, me norteou durante todo percurso, me mostrando os erros e conduzindo-me aos acertos, a qual, além de grande amiga, é irmã de coração.

Ao meu companheiro, Thiago Ribeiro Amado, que, com o seu carinho, atenção, dedicação, amor e muita paciência, soube me entender e me ajudar nos momentos de que mais precisei.

Às amigas Jocielle e Marilene que, juntas, me ajudaram nos trabalhos e nas disciplinas realizadas durante o percurso, com incentivo, preocupação e cuidado e, quando uma pensava em desistir, a outra simplesmente não hesitava em dizer “jamais”.

À professora e orientadora, Doutora Désirée Gonçalves Raggi, obrigada por acreditar em mim e pelos tantos elogios e incentivos, pela orientação, competência, profissionalismo e dedicação importantes. Tenho certeza que não chegaria a este ponto sem seu apoio, pois sempre soube que eu era capaz, apesar da ansiedade e nervosismo que nunca consegui controlar.

À Prefeitura Municipal de Presidente Kennedy-ES, pela bolsa de estudos concedida para a realização desse mestrado.

Por fim, a todos aqueles que contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização desta pesquisa, o meu muito obrigada!

“A ciência descreve as coisas como são;
a Arte, como são sentidas, como se sente
que são”.

Fernando Pessoa

RESUMO

Este trabalho objetiva compreender como as ferramentas lúdicas, como a modelagem de objetos da cultura indígena potencializam o ensino de Artes na Educação Infantil, em uma escola de Educação Infantil de Presidente Kennedy. Apresentamos os princípios e concepções advindos do Referencial Nacional da Educação Infantil que descreve a necessidade de cuidados, aprendizagem lúdica e promoção de atitudes e valores para participação social e cultural da criança. Apoiamo-nos em Vygotsky, para explicar o desenvolvimento cognitivo e comportamental advindo das relações sociais e Oliveira, que discute a utilização da modelagem no ensino de Artes como recurso pedagógico na educação infantil. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, de intervenção pedagógica, a qual utiliza as técnicas de grupo focal e observações de aulas, para coleta de dados. Parte da premissa que a modelagem que utiliza objetos da cultura indígena traz uma proposta pedagógica que possibilita o desenvolvimento humano, considerando que os sujeitos se tornam capazes de desenvolver cognitivamente e socialmente pelo campo da arte e pela experiência estética. Os resultados da pesquisa permitem concluir que o trabalho com modelagem em argila, de objetos da cultura indígena, como estratégia usada no ensino de Artes, auxilia no desenvolvimento integral da criança, constatado pelo estímulo à imaginação, sensibilidade, movimentos, gestos, criatividade, socialização apresentados, possibilitando, ainda, a sensação de pertencimento ao mundo e a valorização da cultura indígena. Os professores compreendem a importância do trabalho pedagógico envolvendo a história e cultura desses povos, parte integrante da sociedade. Contudo, o ensino de Artes ainda apresenta fragilidades nos processos educativos presentes no campo de estudo, pois carece de um trabalho pedagógico mais efetivo em relação à cultura indígena. Prevalece um fazer pedagógico superficial, em que apenas passam informações, sem a utilização de uma proposta lúdica, voltada para a cultura indígenas.

Palavras-chave: Modelagem; Artes; Atividades Lúdicas com argila; Cultura indígena; Educação Infantil.

ABSTRACT

This work aims to understand how playful tools, such as modeling using objects from indigenous culture, potentializes to the teaching of Arts in Early Childhood Education in a preschool in Presidente Kennedy, Brazil, it assumes the principles and concepts arising from the National Reference for Early Childhood Education, which describes the need for care, playful learning and the promotion of attitudes and values for the child's social and cultural participation. The research relies on Vygotsky, to explain the cognitive and behavioral development arising from social relationships and Oliveira, who discusses the use of modeling in the teaching of Arts as a pedagogical resource in early childhood education. It is a qualitative research and pedagogic intervention. It uses the techniques of focus group and class observations, for data collection. It starts from the premise that the modeling of the indigenous culture objects bring a pedagogical proposal focused on childhood and enables human development, considering that the subjects become capable of developing cognitively and socially through the field of art and aesthetic experience. The results of the research allow to infer that the work of modeling in clay objects of the indigenous culture, strategies used in the teaching of Arts help in the integral development of the child, verified by the stimulus to the imagination, sensitivity, movements, gestures, creativity, socialization presented, making possible also, the feeling of belonging to the world and appreciation of indigenous culture. Teachers understand the importance of pedagogical work, involving the history and culture of these peoples, an integral part of society. However, arts education still presents weaknesses in the educational processes, as it lacks a more effective pedagogical work in relation to indigenous culture. A superficial pedagogical practice prevails, in which only information is passed on, without the use of a playful proposal, aimed at traditional culture.

Keywords: Modeling; Art; Playful activities with clay; Indigenous culture; Early childhood education.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Quantidade de alunos na pré-escola.....	14
Quadro 2 – Múltiplas expressões da Arte para a criança	34
Quadro 3 – Conceitos pedagógicos de brincadeira, brinquedo, jogo e ludicidade....	36
Quadro 4 – Campos de experiência da Educação Infantil	41
Quadro 5 – Comportamentos apresentados pelas crianças durante a apresentação do vídeo e slides sobre a vida indígena	62
Quadro 6 – Comportamentos apresentados pelas crianças a partir da dança e desenho de artesanatos indígenas	63
Quadro 7 – Modelagem dos instrumentos musicais, de caça, adornos, moradia, vestimentas e objetos dos índios	65
Quadro 8 – Objetos indígenas construídos com a modelagem	66

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Dança de Cabocos dos Puris – Pintura de século XIX de Van de Velden.....	48
Figura 2 – Dança dos Puris – Pintura de século XIX de Van de Velden.....	49
Figura 3 – Crianças reproduzindo a cultura indígena com dança, vestimenta, instrumentos musicais e adornos	64
Figura 4 – Exposição de materiais indígenas confeccionados pelas crianças	67

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
DCNEI	Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil
EJA	Educação de Jovens e adultos
EMEI	Escola Municipal de Educação Infantil
EMEIEF	Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental
ES	Espírito Santo
FUNDEB	Fundo de Desenvolvimento da Educação Básica e Valorização dos Profissionais da Educação
FUNDEF	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.
PNE	Plano Nacional da Educação
UFPeI	Universidade Federal de Pelotas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 JUSTIFICATIVA.....	17
1.2 OBJETIVOS.....	18
1.2.1 Objetivo Geral	18
1.2.2 Objetivos Específicos	19
2 REVISÃO DE LITERATURA E PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	21
2.1 REVISÃO DE LITERATURA.....	21
2.2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	25
2.3 A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA A SOCIEDADE.....	29
2.4 A INSERÇÃO DO LÚDICO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL.....	32
2.5 A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE ARTES PARA FORMAÇÃO HUMANA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	33
2.6 LUDICIDADE, INTERDISCIPLINARIDADE E VIVÊNCIA LÚDICA.....	35
2.7 A MODELAGEM COM ARGILA E SUA INFLUÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DA CRIANÇA.....	39
2.8 MODELAGEM DE VASILHAMES DA CULTURA INDÍGENA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	45
3 METODOLOGIA	56
3.1 TIPO DE PESQUISA.....	56
3.2 SUJEITOS E AMOSTRA DA PESQUISA.....	57
3.3 COLETA DE DADOS.....	57
3.4 ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS COM A MODELAGEM DE ARGILA: O PRODUTO EDUCACIONAL.....	58
3.5 MÉTODO DE ANÁLISE DE DADOS.....	59
4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	61
4.1 OBSERVAÇÃO.....	61
4.2 GRUPO FOCAL.....	68

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS	76
APÊNDICE A – ROTEIRO GRUPO FOCAL: PROFESSORES	82
APÊNDICE B – PRODUTO EDUCACIONAL	84
APÊNDICE C – ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO	100

1 INTRODUÇÃO

A vontade de pesquisar sobre o tema das artes, como subsídio para aprendizagem de crianças, na primeira fase da escolarização, surgiu quando observei que elas demonstram mais interesse com estratégias de ensino lúdicas, principalmente com a manipulação de objetos. As reflexões sobre os conteúdos das disciplinas do mestrado e as ações pedagógicas vivenciadas no cotidiano da sala de aula fortaleceram essa vontade de investigar, com metodologia apropriada, para compreender o fenômeno. Afinal, a primeira justificava de uma pesquisa implica estabelecer uma análise de sua vinculação com o pesquisador. Esse vínculo nasce, com frequência, de sua inquietação, de algo que comove e mobiliza para sua realização.

Nesse sentido, cabe tecer comentários sobre os eventos da minha trajetória acadêmica e profissional, pois o interesse pelo assunto investigado decorre desse percurso.

No ano de 2012, conclui a minha primeira graduação, o curso de Ciências Biológicas – Licenciatura. Tinha por objetivo trabalhar na área da educação. Em minha primeira experiência profissional, nesse campo, atuei na função de coordenadora de turno, em uma das escolas do município, onde moro, nos anos de 2013 e 2014. Ao concluir a graduação, senti a necessidade de avançar nos estudos, por isso, ingressei nas especializações em educação especial e ensino religioso. O resultado da busca de conhecimento se refletia nas conquistas e a satisfação se concretizava ao mediar o conhecimento do aluno, aprendendo com ele. Ainda em 2014, fui convidada para atuar como professora de educação especial, momento em que o aprendizado não só como profissional, mas também como ser humano, foi de grande relevância.

No ano de 2017, atuei como professora da disciplina de Artes no Ensino Fundamental e, em 2018, como professora da mesma disciplina, dessa vez, na educação infantil. Na busca de aperfeiçoamento, iniciei pesquisas sobre as metodologias pedagógicas que eu poderia aplicar nessa modalidade, vez que se trata de um campo desafiador, que eu ainda não havia experimentado.

Nesse estudo, destaco a modelagem como ferramenta lúdica que pode ser utilizada como estratégia de ensino em artes na educação infantil para a valorização

da cultura indígena e para formação humana. Para tanto, o campo do estudo é estabelecido em uma escola municipal de Presidente Kennedy-ES.

O Município de Presidente Kennedy possui 1043 alunos matriculados na Educação Infantil, sendo 610 alunos na creche (0 à 3 anos) e 433 alunos na Pré-escola (4 e 5 anos). Os professores dessa modalidade precisam, como pré-requisito para ingresso ao cargo, possuir licenciatura em Pedagogia ou Normal Superior, com especialização em Educação Infantil.

A Rede Municipal possui 14 escolas que ofertam a Educação Infantil a nível de Pré-escola. O Quadro 1, a seguir, apresenta o número de alunos matriculados na Pré-escola por escola no ano de 2019.

Quadro 1 – Quantidade de alunos na pré-escola por escola

ESCOLA	NÚMERO DE ALUNOS
EMEI Gente Miúda	31
EMEIEF Gromogol	06
EMEIEF Barra de Marobá	38
EMEIEF Orci Batalha	10
EMEIEF Mineirinho	10
EMEIEF Santa Lúcia	28
EMEIEF Santo Eduardo	18
EMEIEF Jibóia	44
EMEIEF Galos	04
EMEIEF São Bento	07
EMEIEF São Paulo	07
EMEIEF Vilmo Ornelas Sarlo	142
EMEIEF São Salvador	27
EMEIEF Jaqueira	61
TOTAL	433

Fonte: Elaborado pela autora (2019)

As escolas do município de Presidente Kennedy adotam em suas propostas pedagógicas da Educação Infantil os pressupostos da BNCC, na qual constam os seguintes direitos de aprendizagem: conviver, brincar participar ativamente, explorar, expressar e conhecer-se. Essas condições são essenciais para que as crianças aprendam, de forma ativa, em espaços que propiciem a vivência de desafios e suas

soluções, construindo significados sobre si, sobre os outros e sobre o mundo (BRASIL, 2015).

Para que as crianças tenham garantidos seus direitos de aprendizagem, as escolas se fundamentam nos eixos estruturantes das práticas pedagógicas, as quais, na Educação Infantil, são as interações e a brincadeira, nas quais a ludicidade e interdisciplinaridade, como recursos, propiciam experiências, aprendizagens, desenvolvimento e socialização, ao facilitarem a construção de conhecimentos por ações e interações das crianças com seus pares e adultos (BRASIL, 2015).

A escola EMEIEF Vilmo Ornelas Sarlo é localizada na sede do Município de Presidente Kennedy-ES, por isso, é classificada como urbana, e seu atendimento ocorre em dois prédios, um principal e outro anexo. Sua clientela é representada por alunos que moram no entorno da escola, na sede do município e em localidades vizinhas. Muitos ainda não possuem, em suas casas, recursos tecnológicos como a internet, mas contam com uma ampla biblioteca municipal, dotada de rico acervo bibliográfico e computadores para pesquisa.

A escola possui um quantitativo total de 877 alunos, divididos em 142 na Educação Infantil (Pré-escola), 288 nos anos iniciais do Ensino Fundamental, 323 nos anos finais do Ensino Fundamental e 124 alunos na Educação de Jovens e Adultos. Contam com o atendimento de 49 professores com licenciatura e pós-graduação na área em que atuam.

A escola está estruturada com equipamentos tecnológicos que possibilitam uma educação de qualidade, criando condições necessárias, e apropriada, para ensejar dignidade no trabalho dos educadores e demais funcionários da escola. Conta com 16 salas de aula, equipadas com quadro de giz, 30 carteiras (mesa c/ cadeira), 1 mesa e cadeira para o professor, 2 ventiladores e 2 armários, possui também sala de atendimento educacional especializado, biblioteca e laboratório de informática.

A Educação Infantil na escola EMEIEF Vilmo Ornelas Sarlo está pautada em práticas pedagógicas orientadas pela BNCC, utilizando-se de propostas metodológicas que incentivam a interação e a brincadeira, com objetivos que priorizam as vivências e aprendizagens no que se refere ao desenvolvimento do comportamento das habilidades e do conhecimento da criança.

É preciso considerar que o ato de brincar é essencial na vida da criança, pois, pelo imaginário, de maneira livre ou direcionada, incentiva o desenvolvimento da criança, facilita-lhe a construção da reflexão, autonomia e criatividade. Nesse sentido, Kishimoto (2010, p.1) destaca que:

Ao brincar, a criança experimenta o poder de explorar o mundo dos objetos, das pessoas, da natureza e da cultura, para compreendê-lo e expressá-lo por meio de variadas linguagens. Mas é no plano da imaginação que o brincar se destaca pela mobilização dos significados. Enfim, sua importância se relaciona com a cultura da infância, que coloca a brincadeira como ferramenta para a criança se expressar, aprender e se desenvolver (KISHIMOTO, 2010, p.1).

Assim, o lúdico está relacionado à brincadeira, uma atividade cotidiana da infância, desde o início da humanidade, razão pela qual esse recurso didático deve ser considerado no processo educacional como metodologia que propicia o ensino. Friedmann (2012) acrescenta que a prática do brincar, atualmente, compõe as formas de ensino das instituições de Educação Infantil, com o objetivo de proporcionar possibilidades e garantias de espaço para brincadeiras. As crianças do século XXI têm o lúdico em seu contexto escolar como condutor da aprendizagem e isso é um importante avanço na evolução educacional.

A criança se expressa de muitas maneiras, sendo a brincadeira uma delas e um momento único, o qual possibilita evidenciar sentimentos, interesses, realidades, capacidades e habilidades. O lúdico, como estratégia pedagógica propicia momentos prazerosos que conduzem à aquisição de valores, dialogando com o modo de pensar e agir da criança. Dallabona e Mendes (2004, p. 2) consideram que

O lúdico permite um desenvolvimento global e uma visão de mundo mais real. Por meio das descobertas e da criatividade, a criança pode se expressar, analisar, criticar e transformar a realidade. Se bem aplicada e compreendida, a educação lúdica poderá contribuir para a melhoria do ensino quer na qualificação ou formação crítica do educando quer para redefinir valores e para melhorar o relacionamento das pessoas na sociedade (DALLABONA; MENDES, 2004, p. 2).

Portanto, a metodologia de ensino na Educação Infantil, através do lúdico, auxilia a criança a expor seus conhecimentos, desafios e possibilidades, cabendo ao professor o papel de mediar a aprendizagem por meio da brincadeira. Além disso, a utilização do lúdico é agradável e se conforma à faixa etária das crianças, as quais permitem que a aprendizagem ocorra no seu mundo, enquanto formação humana, já

que, durante uma atividade lúdica, as crianças aprendem novas maneiras de conviver com os colegas, o que lhes possibilita uma vida em sociedade. Em se tratando da educação infantil, as atividades lúdicas envolvem jogos e brincadeiras como a modelagem (ARANTES; BARBOSA, 2017).

A modelagem com argila foi escolhida como estratégia pedagógica na realização da pesquisa pois se trata de uma atividade lúdica que permite o desenvolvimento da aprendizagem e interação das crianças. Durante a qualificação da pesquisa, foi proposta a inserção da modelagem de objetos da cultura indígena, a qual faz parte da construção social, histórica e religiosa de nosso país e precisa ser valorizada, pela sua importância, começando na educação infantil.

Segundo as Diretrizes curriculares Nacionais para Educação Infantil, a cultura indígena, assim como de outros grupos étnicos, deve ser abordada desde as fases iniciais do desenvolvimento humano. Isso, porque é importante a apropriação, pela criança, de aspectos histórico-culturais dos povos que formaram, e compõem, a sociedade brasileira contemporânea, como os indígenas, afrodescendentes, asiáticos e europeus, para que a criança compreenda, e valorize, as diferenças, como forma de humanização social (BRASIL, 2010).

A reprodução pela modelagem de objetos indígenas reflete o modo de vida e a cultura de diferentes grupos sociais, o que possibilita a formação de ideias e valores pela interação entre as crianças, culminando no respeito às diferenças. Optamos pela cultura do povo indígena porque vivemos, no cenário político atual, um momento de forte tensão, em que índio ainda não é valorizado como deveria e vem sofrendo pressões e perdas materiais, violência e desestabilidade emocional. Além disso, trazem em sua bagagem cultural uma enorme riqueza de objetos produzidos artesanalmente, os quais favorecem trabalhos artísticos que podem ser replicados pelas crianças com a argila. Acreditamos, nesse trabalho, como possibilidade de valorização dessa cultura e desenvolvimento do sentido de empatia e solidariedade por esse povo.

1.1 JUSTIFICATIVA

Atualmente, na Educação Infantil, as práticas pedagógicas que incluem o lúdico para o ensino de artes e expressões artísticas e culturais possibilitam o desenvolvimento motor, perceptivo e social, sendo o desenho, a pintura e a

modelagem exemplos de atividades que as crianças realizam. Ocorre que muitas das produções das crianças acabam sendo cópias dos formatos pré-estabelecidas pelos adultos (OLIVEIRA, 2008).

As atividades lúdicas, como a modelagem com argila, apresentam-se como possibilidades para o desenvolvimento da expressão artística e cultural de crianças, pois favorecem o conhecimento do mundo, de si mesmo e do seu entorno, e a constituição sociocultural na infância. Atividades assim possibilitam a noção de imagens, sons, valores, contornos e meios de comunicação para interpretar o mundo e interferir na composição de suas formas, símbolos e imaginação e, conseqüentemente, em sua cultura. Oliveira sustenta essa ideia ao considerar

[...] que o propósito da educação não é o consumo de informações, mas a construção do conhecimento sobre o mundo, ou seja, de formas de compreensão, significação e interpretação desenvolvidas pelos sujeitos nas suas diferentes atuações sobre as materialidades, a arte é uma forma singular de conhecimento (OLIVEIRA, 2008, p.16).

Então, a relevância da pesquisa está baseada na necessidade de os profissionais da educação compreenderem as crianças como sujeitos das relações socioculturais, que não somente reproduzem, mas criam cultura. Isso ocorre por meio de produções artísticas na linguagem da modelagem com argila, pela forma intencional e pelo desenvolvimento da imaginação que essa metodologia lúdica possibilita à criança.

Com essas considerações propusemos o seguinte questionamento como Problema Científico: Quais as contribuições que a utilização das ferramentas lúdicas, como modelagem de objetos da cultura indígena, proporciona para o ensino de Artes na Educação Infantil em uma escola do Município de Presidente Kennedy?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Compreender como as ferramentas lúdicas, como a modelagem de objetos da cultura indígena, potencializam o ensino de Artes na Educação Infantil numa escola de Educação Infantil do Município de Presidente Kennedy.

1.2.2 Objetivos Específicos

- a) Descrever as concepções do processo educacional da Educação Infantil no Município de Presidente Kennedy, como sua trajetória histórica, estrutural e legal.
- b) Descrever os fundamentos teóricos que embasam os temas: Modelagem em Artes, Estratégias Lúdicas e Cultura Indígena.
- c) Verificar a relação, entre o lúdico, baseado na modelagem de objetos da cultura indígena, e a aprendizagem da criança na educação Infantil.
- d) Elaborar uma sequência didática para inserir estudos sobre a cultura indígena, por meio da modelagem de argila

Este estudo é composto de uma introdução, abordando as reflexões que estimularam a pesquisa sobre a compreensão das ferramentas lúdicas para o ensino de Artes na Educação Infantil em uma escola de Educação Infantil do Município de Presidente Kennedy, sua relevância, justificativa, questionamento, objetivo geral e específicos que pretendemos alcançar.

O segundo capítulo apresenta a revisão bibliográfica, destacando várias pesquisas e seus resultados no que tange à utilização da modelagem e sua relação com o desenvolvimento da criança. Dando continuidade, dialogamos com a literatura acerca dos seguintes pressupostos: Evolução da Educação Infantil no Brasil; A importância da Educação Infantil para sociedade; A inserção do lúdico no contexto da Educação Infantil no Brasil; A importância do ensino de artes para formação humana na Educação Infantil; A modelagem com argila e sua influência no desenvolvimento integral da criança, Modelagem em artes de objetos da cultura indígena na educação infantil e visão panorâmica da educação infantil no Município de Presidente Kennedy.

O terceiro capítulo traz a abordagem metodológica adotada para elaboração deste estudo que se ancora na pesquisa-intervenção, uma vez que foram realizadas intencionalmente ações interativas a modelagem em argila no ensino de Artes e foi analisada a produção do grupo.

O quarto capítulo discute os resultados obtidos na intervenção pedagógica, cuja análise se pautou nos comportamentos que as crianças apresentaram durante o processo de manipulação da argila, ao confeccionarem os objetos da cultura indígena. Para complementar a produção dos dados, nos valem das

manifestações resultantes das discussões no grupo focal formado pelo professor Regente e de Artes da turma pesquisada. Por fim, o quinto capítulo é formado pelas considerações finais destacando a resposta ao questionamento e a demonstração dos objetivos.

2 REVISÃO DE LITERATURA E PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A revisão de literatura traz as principais contribuições de estudos já realizados por outros autores como Giannotti (2008), Villa (2013), Oliveira (2008), Lemos e Zamperetti (2015) e Melo (2005) sobre a modelagem com argila como estratégia pedagógica na educação infantil, através de esculturas e produção artístico-cultural. Tais pesquisas contribuíram ao demonstrar que, no ensino de Artes, as atividades lúdicas como desenho, pintura, colagem e modelagem podem ampliar o desenvolvimento integral das crianças, o que assegurou a importância da realização dessa pesquisa.

A fundamentação teórica auxiliou na elucidação do problema da pesquisa e solução, ao trazer conceitos que embasaram o estudo, o que facilitou a obtenção de conclusões, como “A evolução da criança na Educação infantil”, que para as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação a criança é um sujeito cultural e histórico, ao aprender constrói sua identidade ao se relacionar com o outro e o mundo, por isso a escola tem o dever de buscar práticas pedagógicas que incentive o desenvolvimento integral da criança, com base em princípios éticos, políticos e estéticos (BRASIL, 2010).

2.1 REVISÃO DE LITERATURA

Giannotti (2008) em sua dissertação, apresentada ao mestrado em educação da Faculdade de Educação de São Paulo, intitulada: “Dar forma é formar-se: processos criativos da arte para a infância”, busca compreender a produção plástica de crianças na concepção de sua elaboração. Trata-se de uma pesquisa de campo realizada através da execução de oficinas de modelagem com argila com um grupo de crianças de uma escola privada do Município de São Paulo, entre 4 e 10 anos de idade, cujos dados foram coletados através de imagens fotográficas e relatos.

Com as vivências observadas, a autora teve a oportunidade de vislumbrar a presença dos percursos criativos individuais, através da recriação de animais, família, natureza e outros elementos que fazem parte do cotidiano da criança, o que oferece relação direta com seu desenvolvimento. Por terem sido realizados vários trabalhos pelas crianças durante as oficinas, isso facilitou a análise da sua evolução individual, conforme relata a autora,

Entre tantos outros percursos, que poderia sinalizar, o talento de Rafaela em recriar cenas do cotidiano, a fidelização de Tereza a investigação do “mistério da caverna”, a vocação acolhedora de Natália e o engajamento interior de Gabriel a elaboração de suas vivências dolorosas, refirmam-se a importância do papel dos processos criativos para a infância no âmbito do desenvolvimento de suas personalidades conectado ao desenvolvimento de uma linguagem expressiva (GIANNOTTI, 2008, p. 221).

Os resultados da pesquisa confirmaram a possibilidade de utilização criativa da atividade lúdica de modelagem em artes, no sentido de contribuir para a construção da identidade das crianças. A experiência propiciou novos desdobramentos de criação entre os “acazos e necessidades” e a aquisição de conhecimentos importantes para o desenvolvimento infantil (GIANNOTTI, 2008).

O estudo realizado por Villa (2013), cujo título é: “O corpo em contato com o barro: a educação do sensível no ensino das artes visuais”, descreve uma investigação sobre o ensino da Arte através da modelagem em argila. A pesquisa foi realizada através da aplicação de planos de intervenção e oficinas de Artes Visuais, com um grupo de 20 alunos do terceiro ano do Ensino Médio de uma Escola de Educação Básica da rede estadual de ensino no Município de São Miguel do Oeste, SC. A idade dos participantes variava entre 16 e 18 anos, sendo a maioria do sexo feminino. A prática foi realizada no período de 13 de agosto a 03 de setembro de 2012, no turno matutino, totalizando 10 horas de intervenção.

O estudo aborda a modelagem em argila como uma maneira dos alunos se expressarem pela sensibilidade e estabelecerem relações com o meio em que vivem. Para Villa (2013, p.116): trabalhar com argila permite desenvolver uma “produção tridimensional, capaz de gerar saberes sensíveis no educando. O barro auxilia no encontro do indivíduo com o seu interior e sua sensibilidade, que se fez possível por meio da modelagem”.

Com a realização da pesquisa de campo, Villa (2013) destaca as possibilidades educativas que o estudante pode ter, ao manter contato com o barro, tais como:

- Educação sensível pelo estabelecimento da relação de aprendizagem mútua e significativa em relação às ações abrangendo a modelagem em argila.
- Aumento da criatividade pela expressão e vivência da diferença entre o desenho e a pintura comumente sugeridos nas aulas de Artes.
- Momentos prazerosos de criação, em que os alunos podem aliviar as angústias e incertezas.

- Interação com o mundo, por meio do contato com a argila, saberes sensíveis foram despertados entre os sentidos do corpo e o mundo.
- Subjetividade da relação do aluno com sua produção artística, o que inclui a sociedade e cultura.

Desse modo, após as experiências vivenciadas através das oficinas de modelagem com argila, foi possível compreender a contribuição dessa atividade lúdica como elemento pedagógico para formação humana do educando, na medida em que favoreceu a construção de um ser perceptivo, crítico, reflexivo e consciente de sua função, podendo ainda atuar como agente transformador do mundo, que está em processo de construção permanente pelas suas vivências, nas relações instituídas com as pessoas e com o ambiente (VILLA, 2013).

A pesquisa realizada por Oliveira (2008), cujo título é “Escultura & imaginação infantil: um mar de história sem fim”, trata-se de uma tese submetida ao Curso de Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina, que compreende a criança como produtora de culturas infantis, por meio da criação das muitas linguagens. A investigação em campo permitiu constatar que a modelagem em argila promove o valor estético, artístico e cultural e principalmente os processos de imaginação infantil. Em seus métodos, a autora realizou várias narrativas mitológicas com as crianças intituladas “brincantes de histórias”, para originar e avivar os conhecimentos, utilizando esculturas de diferentes costumes e tempos. Os sujeitos da pesquisa foram crianças de 4 a 5 anos de idade, inseridas em uma instituição pública de educação infantil de Florianópolis-SC, com o objetivo de valorizar a infância e de sua produção cultural.

Durante o processo de investigação, Oliveira (2008) procurou etnografar as várias narrativas nas quais as crianças representaram suas conclusões sobre a modelagem de argila de esculturas e sua produção artístico-cultural. A autora verificou que, pela interação e imaginação, foi possível despertar a valorização cultural, a construção de significados socioculturais, interação técnica e expressiva entre as crianças e os adultos, experiências estéticas e criação da linguagem da escultura.

Para Oliveira (2008), espaços lúdicos, como a modelagem, incentivam a socialização entre professores e crianças da Educação Infantil, além da construção de um olhar ético e estético sobre o mundo a sua volta pela imaginação, ampliando

para todas as dimensões da vida a busca por novas soluções. As Instituições de Educação Infantil são espaços-tempo privilegiados de aprendizagem marcados pela manifestação das crianças, e a modelagem colabora como uma produção capaz de ajudar a revelar e a formar a identidade cultural das crianças.

Lemos e Zamperetti (2015) realizaram um estudo de caso para a disciplina de Artes Visuais na Educação, do curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFPel, intitulado “Modelagem em argila para crianças”, através da observação, análise e reflexão de produções artísticas com argila construídas por Ana (nome fictício), de 03 anos de idade, e também por sua família, seja individualmente ou em grupo.

Em um primeiro momento, individualmente, a criança observada interagiu com a massa de modelar, muito falante, indicava os passos que seguia para construção de objetos que compõem do seu cotidiano e depois brincava com eles. Num segundo momento, coletivamente, com integrantes da sua família, participando da modelagem, colocou a massa na cabeça, se sujou e resolveu construir uma grande bola, demonstrando que não queria trabalhar em equipe. Para Lemos e Zamperetti (2015):

Amassar a terra e dar-lhe forma são gestos primitivos que influem consideravelmente na coordenação de todos os movimentos, gerando desequilíbrios que necessitam ações de reorganização das massas, desenvolvendo a confiança e o domínio corporal (LEMOS; ZAMPERETTI, p. 8).

Com a realização do estudo, os autores concluíram que a modelagem pode auxiliar no desenvolvimento da criatividade da criança, na coordenação motora fina, podendo ser trabalhada em casa desde os primeiros anos.

A Pesquisa de campo realizada por Melo (2005) com o título “Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo... As artes visuais em instituições de Educação Infantil em Campina Grande – PB”, tinha como objetivo investigar as situações reais das práticas em Artes Visuais, em turmas de pré-escola, nas instituições de Educação Infantil, públicas, municipais de Campina Grande-PB. Na prática, foi utilizada a coleta de dados, por meio da observação do trabalho realizado pelos professores em um total de 102 aulas de Artes, em 04 turmas de pré-escola.

Na prática pedagógica dos professores pesquisados, eram utilizadas estratégias de ensino como desenho, pintura, colagem e modelagem. No processo pedagógico de Artes, nessas turmas, não se constatou a introdução de

conhecimentos teóricos sobre as manifestações e obras artísticas. Muitos foram os desafios encontrados pelos professores, como falta de conhecimento e capacitação para o ensino de artes, já que a maioria era graduada em Pedagogia e não Artes Visuais. Foi identificado também falta de material didático para realização de atividades.

No que se refere à modelagem, a autora concluiu que, do total de aulas analisadas, apenas 08 aulas foram voltadas para modelagem, momento em que era direcionado à reprodução tridimensional, porém os alunos realizavam construções livres, tendo, como material, massinha do tipo escolar. Melo (2005, p. 122) constatou que aquelas práticas em Artes Visuais eram “[...] estritamente tradicionais, desatualizadas, voltadas para o ensino de arte modelar, com enfoque na expressão espontânea”. Porém, mesmo com tantas dificuldades observadas para o ensino de Artes, as atividades com desenho, pintura, colagem e modelagem têm contribuído para o desenvolvimento integral das crianças, mas se fossem melhor trabalhadas, poderiam surtir efeitos ainda mais positivos.

2.2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Com a revolução tecnológica e industrial, a mulher, que lutava por condições melhores no mercado de trabalho, ganhou espaço. Sua luta se expandiu no sentido de elevar seu nível cultural e conquistar melhoria na qualidade da educação. Nesse contexto, surge a Educação Infantil no Brasil por volta da década de 80, que, em consequência da inserção da mulher no trabalho impulsionou significativamente o atendimento à criança em creches e pré-escolas (SANTANA; MATA, 2016).

As instituições destinadas às crianças sugiram, principalmente, a partir da necessidade de proteção à infância, no sentido de combater os altos índices de mortalidade infantil. Tinham caráter assistencialista, pois apenas cuidavam das crianças e os seus profissionais não tinham formação, ficando restritos à higiene e às regras de comportamentos social.

A legislação pertinente à Educação Infantil começa com a Constituição Federal de 1988, onde essa modalidade passou a ser reconhecida formalmente, em seu artigo 208, inciso IV que: “[...] o dever do Estado com a educação será efetivado

mediante a garantia de [...] atendimento em Creche e Pré-escola às crianças de 0 a 6 anos de idade” (BRASIL, 1988, p.122).

Em 1990, foi elaborado o Estatuto da Criança e do Adolescente e, em 1994, foi aprovada a Política Nacional de Educação Infantil. Além disso, em 1996, foi promulgada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394, em 20 de dezembro de 1996, que estabelece a Educação Infantil como a primeira etapa da educação básica no Brasil. Essa lei foi fundamental, pois os municípios passaram a ter responsabilidade de disponibilizar espaço e vagas para atendimento às crianças, com o intuito de promover o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade (SANTANA; MATA, 2016).

A mudança da Educação Infantil do sistema assistencialista para o educacional trouxe mais visibilidade para a modalidade da educação básica, ocasionando a criação de políticas públicas para o acesso, e permanência, das crianças nessa etapa. Com a implantação LDB (1996), a proposta para Educação Infantil sofreu alterações e passou a ser valorizada, como reflete Pomnitz (2015, p.88):

A referida Lei traz à luz discussões e reflexões sobre novas concepções e finalidades para a educação como um todo, e a educação infantil, pela primeira vez, é compreendida com um olhar mais educacional em detrimento de uma visão menos assistencial (POMNITZ, 2015, p. 88).

Com isso, a Educação Infantil (creche de zero aos três anos e pré-escola dos quatro aos cinco) passou a ser a primeira etapa da educação básica, sob a responsabilidade do Estado, com obrigatoriedade de atendimento para crianças da pré-escola, tendo a parceria da família, nesse processo. Para o desenvolvimento educacional na infância, as aulas são planejadas para formação integral para as crianças, propondo estratégias de aprendizagem que incentivem a construção das habilidades e competências para desenvolvimento de sujeitos críticos, criativos e afetivos, em consonância com cada fase da evolução da criança (POMNITZ, 2015).

A mudança do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (FUNDEF¹) para o Fundo de

¹ O Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (FUNDEF) foi instituído pela Emenda Constitucional n.º 14, de setembro de 1996, e regulamentado pela Lei n.º 9.424, de 24 de dezembro do mesmo ano, e pelo Decreto nº 2.264, de junho de 1997. O FUNDEF foi implantado, nacionalmente, em 1º de janeiro de 1998, quando passou a vigorar a nova sistemática de redistribuição dos recursos destinados ao Ensino Fundamental. Consiste no

Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB) foi um marco, sob o ponto de vista das diferenças sociais para Educação infantil. Até a institucionalização do FUNDEB pela emenda constitucional nº 53/2006, e aprovação pela Lei Federal 1494/2007, apenas o ensino fundamental contava com o repasse de recursos a serem investidos em educação (MACHADO, 2018).

Na proposta do governo federal, enviada ao Congresso Nacional, o FUNDEB apresentava limitações de expansão e melhoria da qualidade da Educação Básica, uma delas seria a inclusão, apenas, da Pré-Escola, no novo fundo. Porém, a sociedade civil se organizou e criou, em agosto de 2005, o “Movimento FUNDEB para valer” com a participação de 200 entidades, que lutaram pela inclusão das creches, ou seja, criança de 0 a 3 anos. A luta era para incluir no fundo, a instituição de um piso salarial nacional para os profissionais da Educação e a definição de um padrão mínimo de qualidade e aumento de recursos financeiros para a Educação Básica. Após intenso debate e negociação, o Movimento teve quase todas suas propostas aprovadas, entre elas a inclusão das creches no direito ao FUNDEB², em 20 de junho de 2007, com a aprovação da Lei nº 11.494 (SANTOS, 2012).

Santos (2012) esclarece que o FUNDEB trouxe várias contribuições para a educação infantil, no que concerne ao direito da criança, pois fortaleceu essa modalidade da educação básica, defendendo o conceito sistêmico, integral e dinâmico da educação. Além disso, foi uma tentativa de superar as diferenças que existem entre creche e pré-escola, no sentido de cuidar e educar. Também favoreceu o aumento de recursos, elevação da cobertura e operacionalização da municipalização da educação infantil.

Com o FUNDEB, a educação infantil, em especial a Pré-escola, teve sua participação assegurada na educação básica, uma vez que tornou a matrícula obrigatória para crianças de 4 e 5 anos. Com isso, a evolução da criança tornou-se

financiamento do Ensino Fundamental no País (1ª a 8ª séries do antigo 1º grau), ao subcircular a esse nível de ensino uma parcela dos recursos constitucionalmente destinados à Educação.

² Santos (2012) explica que as receitas do FUNDEB são formadas por 20% das receitas dos impostos e 25% dos valores já vinculados constitucionalmente para a educação, para serem aplicados em toda Educação Básica. Desses valores que formam o FUNDEB 60% devem ser aplicados na Valorização dos Profissionais da Educação e 40% na Manutenção do Ensino.

preocupação dos sistemas de ensino, tendo como parâmetro sua convivência social, de forma mais democrática, possibilitando-lhe adquirir atitudes de respeito, solidariedade e compartilhamento. Assim, cada nível de aprendizagem deve ser considerado e deve ser vivido, em seu próprio tempo. Se qualquer fase do desenvolvimento da criança for negligenciada, tanto o sujeito quanto a sociedade são prejudicados, pois é preciso que a criança se conforme aos padrões sociais estabelecidos, para não sofrer cobranças da própria sociedade, por falta de orientação na idade correta (ARRUDA, 2016).

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil definem a criança como:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2010, p.12).

A criança como sujeito cultural e histórico aprende, e constrói, sua identidade nas relações com o mundo. A escola deve articular, em seu currículo, um conjunto de práticas que promova o desenvolvimento integral da criança, no que se refere aos aspectos culturais, ambientais, artísticos, científicos e tecnológicos. A Educação infantil deve estar pautada nos seguintes princípios: Éticos (autonomia, identidade, responsabilidade, solidariedade e diversidade); Políticos (cidadania, criticidade e democracia) e estéticos (ludicidade, criatividade e manifestações artísticas) (BRASIL, 2010).

Na Educação Infantil, os eixos estruturantes das práticas pedagógicas estão concentrados nas interações e brincadeiras, ou seja, é preciso propor estratégias de ensino, em que as crianças tenham a oportunidade de construir, e assimilar, o conhecimento, a partir da interação com outras crianças e adultos, como propõe a Base Nacional Comum Curricular:

A interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. Ao observar as interações e a brincadeira entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções (BRASIL, 2015, p. 37).

Com base nas afirmações acima, as crianças na Educação Infantil são estimuladas a aprender a desempenhar um papel ativo, como resolução de conflitos, vivenciando desafios e construindo significados. Para isso, a BNCC descreve que a criança possui direitos de aprendizagem e desenvolvimento, quais sejam: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer (BRASIL, 2015).

O Plano Nacional da Educação (PNE) define a Educação Infantil como modalidade, que atende a crianças de até 5 (cinco) anos de idade, com o incentivo a aquisição de conhecimentos que desenvolvem as dimensões físicas, psicológicas, intelectuais e sociais da criança, em parceria com a família e comunidade. Isso torna a modalidade uma etapa principal para o desenvolvimento integral da criança, daí a importância de profissionais especializados para mediar a aquisição de conhecimentos. Para Santana e Mata (2016):

[...] aos poucos a educação infantil está sendo vista com outros olhos pela sociedade, está cada vez mais conquistando seu espaço e assim, as melhorias começam a surgir na educação do nosso país, mesmo que em passos lentos, muitas mudanças já foram implantadas e realizadas nos municípios do nosso País com um olhar mais voltado para a importância da educação infantil para a vida escolar e social de um indivíduo (SANTANA; MATA, 2016, p. 10.).

A Educação Infantil atende a crianças de idade entre de 0 a 5 anos e utiliza, como metodologia, as atividades lúdicas, no sentido de incentivar o conhecimento cognitivo e motor, por meio da descoberta e valorização do indivíduo, pois quando a criança é incentivada pela escola e família, em sua infância, a desenvolver habilidades, resulta em adultos críticos, com condições de conviver em um mundo em processo contínuo de mudança.

2.3 A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA A SOCIEDADE

A Educação Infantil para Corassari (2015) possui duas funções básicas que é o educar e o cuidar, sendo fundamental que o docente tenha a intenção pedagógica, mas também a preocupação de cuidar. A brincadeira é importante para estimular a comunicação, já que, por meio dela, as crianças se socializam e interagem uma com as outras, despertando a autonomia, criatividade, imaginação, e oportunidade de aprender de forma prazerosa.

A mesma autora, Corassari (2015), destaca a necessidade de o ato de cuidar e o de educar estejam presentes no ambiente escolar, o qual deve se configurar como lugar adequado para as crianças expressarem situações imaginárias, criativas, expor sua individualidade e sua identidade, explorando a natureza, os objetos, comunicando-se e participando da cultura.

Polo e Pedraça (2015) consideram a escola, como o ambiente para promoção do desenvolvimento da criança, já que a inteligência se constrói pela interação entre o meio físico e social em que a criança vive e convive. Desse modo, se a Educação Infantil não for tratada com cuidado e seriedade, a criança apresentará dificuldades no futuro.

Na visão da maioria das pessoas³, o ambiente escolar é o espaço mais adequado para a educação formal que, por lei, deve garantir a todos o conhecimento. A educação infantil não pode ter o objetivo de antecipar a alfabetização das crianças, como tem sido muito questionada, deve atender, porém, às necessidades de cada faixa etária.

O processo educativo das instituições de Educação Infantil não pode ser confundido como um momento de preparo para a próxima modalidade, o ensino fundamental, mas deve pautar-se em um referencial teórico que direcione as práticas pedagógicas cotidianas, para as questões da infância, nas quais a criança é entendida com um ser social, histórico e cultural. A ludicidade precisa fazer parte dessa proposta não porque as crianças são pequenas, mas por entender que brincadeiras e jogos no espaço escolar auxiliam no desenvolvimento da criança, como direito garantido (NETO, 2011).

A Educação Infantil tem o papel de formação cultural, da qual a criança participa como sujeito social, cultural e histórico, com vistas a desenvolver as linguagens necessárias ao seu desenvolvimento, por isso uma criança que não frequenta a educação infantil não terá a mesma potencialidade em adquirir as linguagens imprescindíveis a sua evolução social. Mesmo que a escola não seja a única responsável pelo desenvolvimento infantil, ela contribui favorecendo vivências que possibilitam a formação integral da criança. Os conhecimentos construídos

³ Existem outras opções, como a Educação Domiciliar, mas para a maior parte da sociedade, a educação deve ser realizada no espaço escolar. Ainda existem poucos estudos sobre a Educação Domiciliar, que não é incentivada pelas atuais políticas brasileiras.

nessa modalidade vão refletir nas etapas posteriores da educação (POMNITZ, 2015).

O espaço escolar dispõe de habilidades fundamentais para o desenvolvimento das crianças, como coordenação motora, sentido de lateralidade e descolamento espacial, estimulando o controle sobre seu próprio corpo. O processo de aprender, muitas vezes, está ligado à alfabetização, visto que ajuda o aluno na hora da escrita. Porém é preciso deixar claro que a alfabetização é obrigatória somente no ensino fundamental (BRASIL, 2010).

Sobre o ato de educar na Educação Infantil, o Referencial Nacional da Educação Infantil descreve como situações de cuidados e aprendizagem lúdica, a promoção de atitudes como aceitação, respeito, identidade e confiança para participação social e cultural. Para cuidar, é necessário comprometimento, solidariedade, valorização, confiança, o que incentiva a construção do vínculo entre quem cuida e quem é cuidado (BRASIL, 1998).

A educação infantil possui como princípios fundamentais, a tríade cuidar/brincar/educar essenciais para contemplar as necessidades formativas das crianças de zero aos cinco anos de idade. Com isso, foi construído o documento Base Nacional Comum Curricular (2015) com o objetivo de criar uma base voltada ao desenvolvimento da criança, nas etapas de toda educação básica, norteando os projetos pedagógicos e currículos das escolas. O documento traz como direitos de aprendizagem da criança: Conviver, Brincar, Participar, Explorar, Expressar e Conhecer-se.

Como campos de experiência apresenta: O eu o outro e o nós; Corpo gestos e movimentos traços; Cores, sons e formas; Escuta, pensamento, fala e imaginação e Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações. Dessa forma, as estratégias de ensino e aprendizagem na educação infantil devem ter como objetivo a construção de diferentes linguagens, com ênfase nos direitos e campos de experiências da educação Infantil (BRASIL, 2015).

Para tanto, é necessário que o cuidar e o educar estejam presentes no ambiente escolar, o qual deve oferecer um espaço adequado para as crianças expressarem situações imaginárias, criativas, exporem sua individualidade e sua identidade, explorarem a natureza, os objetos, comunicarem-se e participarem da cultura lúdica.

2.4 A INSERÇÃO DO LÚDICO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

Durante as atividades lúdicas, as crianças contraem várias e novas experiências, socializam uma com as outras, formando, assim, seu pensamento, tomam decisões, ampliam o pensamento concreto e criam maneiras diferentes de jogar, brincar e produzir novos conhecimentos (VYGOTSKY, 2000).

O brincar revela a estrutura do mundo da criança, como se organiza o seu pensamento, às questões que ela se coloca como vê o mundo à sua volta. Na brincadeira, a criança explora as formas de interação humana, aprende a lidar com a espera, a antecipar ações, a tomar decisões, a participar de uma ação coletiva (BRASIL, 2007, p. 9).

Assim, ao brincar, a criança retrata, também, sua relação familiar, pois através do faz de conta, ou imitação, demonstra como tratamos colegas e manipula os brinquedos. Dessa forma, podemos diagnosticar problemas e buscar soluções para esta fase, possibilitando a ela um aprender de forma criativa e social.

Na educação infantil a inserção do lúdico é fundamental para o aprendizado, e uma ferramenta imprescindível, pelo seu caráter simbólico. O relacionamento com outras crianças acontece através do brincar, posicionando-as diante das diversas situações (VYGOTSKY, 2000).

Nesse sentido, a Educação infantil deve contar com atividades lúdicas como recursos pedagógicos no espaço da sala de aula. Tal proposta surgiu da preocupação com uma nova realidade, na qual cada escola está inserida. Partindo de reflexões sobre o quanto os nossos alunos estão preparados para enfrentar os desafios do futuro, se são, ou não, capazes de analisar, elaborar, comunicar suas ideias com clareza e, ainda, se estão se preparando para continuar aprendendo ao longo da vida, cabe aos educadores proporcionar atividades lúdicas a fim de proporcionar propostas de trabalho voltadas para a vivência de situações expressivas de linguagem, que encaminhem a concretização desses objetivos (POLO; PEDRAÇA, 2015).

O lúdico proporciona ao aluno o desenvolvimento de habilidades de pensamento, como analisar, classificar, comentar, concluir, criticar, explicar, justificar, resumir, criar, seriar, entre outras. Fazendo agrupamentos de duplas, trios

ou quartetos, haverá uma interação fundamental para promover boas aprendizagens, já que as pesquisas realizadas durante as últimas décadas mostram que a relação entre os alunos pode incidir, de forma decisiva, sobre aspectos tais como a aquisição de competências e habilidades sociais (COLL, 1998).

Ao docente cabe a responsabilidade de mediar e promover atividade lúdicas, pois na educação infantil, o brincar e o educar se integram. Em atividades de faz de conta proposital, o professor explora o potencial das crianças em vários aspectos, desde a socialização, criatividade até a utilização do raciocínio. Nessa fase, o docente deve incentivar, através da ludicidade, o sonhar, o imaginar, o crescer, o amadurecer, de forma a desenvolver estruturas mentais, equilíbrio e autonomia da criança (ARRUDA, 2016).

O lúdico também auxilia na construção de conhecimentos sobre a base alfabética e incentiva a escrita espontânea de palavras e de textos pelo aluno. A escolha da sistemática, por meio do lúdico, é um instrumento que tem elementos de desenvolvimento da inteligência e da estruturação do pensamento, além de propiciar um trabalho de relacionamento humano. A utilização de atividades lúdicas possibilita aos alunos estabelecerem uma relação mais afetiva com o sistema da língua, além de ampliar seu universo vocabular (COLL, 1998).

Quanto mais novos os educandos, mais importante o aspecto lúdico das aulas, principalmente quando o que se pretende é o desenvolvimento de habilidades mentais como fazer relações, descrições, registro e organização de dados. Daí a importância da aplicação da ludicidade.

2.5 A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE ARTES PARA FORMAÇÃO HUMANA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O ensino de Artes é importante para a criança, pois possibilita seu desenvolvimento expressivo, visão poética e criatividade, ao despertar a sensibilidade para observar o mundo com outro olhar. Desde cedo, a imaginação da criança deve ser trabalhada, tendo as artes como aliada nesse processo, pois, para a criança, a arte é uma maneira de se expressar, é uma forma de lidar com a realidade, por isso demonstra tanto interesse em brincar e desenhar, é assim que demonstra seus desejos e medos (COLETO, 2010).

Por volta dos dois anos de idade, a criança começa seus rabiscos, demonstrando, com forma gráfica, sonora ou corporal, o que sente e entende do ambiente em que está inserida. Assim, a criança valoriza mais a construção, o processo, do que o resultado final. Na grafia, faz rabiscos livres, traços horizontais, verticais e inclinados, após círculos, mesmo sem atribuir sentido para esses rabiscos, para a criança, é uma forma de comunicação e expressão de ideias, sentimentos, por isso, as crianças devem ser estimuladas a rabiscar, posteriormente, esses traços vão levar à escrita (COLETO, 2010).

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil apresentam a importância da Arte, a partir das várias manifestações, como práticas pedagógicas da Educação Infantil, com o objetivo de ensejar vivências e experiências que possibilitem a aquisição de conhecimento, despertando sentidos e promovendo, pela ludicidade, o desenvolvimento integral da criança. Assim, o Quadro 2, a seguir, traz as múltiplas expressões da Arte para a criança na Educação Infantil.

Quadro 2 – Múltiplas expressões da Arte para a criança

(continua)

EXPRESSÃO	SIGNIFICADO
A criança e o desenho: Criatividade e potencialidade	Pelo desenho, a criança compreende melhor sua realidade. As expressões grafadas no papel a induzem a viver, inventar e reinventar explicações para situações do cotidiano.
A dança, a expressão, o corpo	A dança, expressão e o movimento do corpo auxiliam a criança a ser compreendida, além de explorar o seu potencial, pela capacidade de descobrir espaços, interagir com outras crianças, realizar movimentos e gestos com ritmo, equilíbrio e coordenação e demonstrar seus sentimentos.
A música e a criança no espaço da educação infantil	Desde a gestação, a criança tem contato com a música, por isso com o trabalho pedagógico com a música, é possível incentivar a percepção, curiosidade, sensibilidade, atenção, imaginação, organização de ideias e fantasia da criança.
A pintura e a imaginação: a criança pintando o sete	Com a pintura a criança se desenvolve em aspectos voltados aos sentimentos, emoções, vivências, sensibilidade, capacidade intelectual, física, perceptiva, gosto estético e socialização, já que, com a pintura, expõe não só traçados, mas sua vivência e conclusões que tenha percebido do mundo em que vive.

(conclusão)

Era uma vez...: o contar histórias	Ouvir histórias permite à criança o desenvolvimento do imaginário, o gosto e prazer pela leitura, pela compreensão do mundo, produzindo a capacidade futura de ser um bom leitor.
Literatura infantil e a poética da vida	A literatura infantil através dos contos e poesias, pela composição e sonoridade, contribui para o desenvolvimento inventivo e expressão da criança. Isso, isso por meio da linguagem, sons semelhantes, ritmo, comparações e oposições de sentido.
Os jogos teatrais: a criança comanda a cena	Os jogos teatrais podem ser trabalhados individualmente ou coletivamente, possibilitando relacionamentos interpessoais, a inteligência, afetividade, imaginação, dramatização, pensamento e fala, pelo lúdico, já que é uma proposta que visa à aprendizagem pela recriação, problematização e reflexão de vivências de situações cotidianas. O mundo da fantasia, com crianças pequenas, desperta a imaginação, movimentos corporais, sensoriais, perceptivos, emocionais.

Fonte: GAIO (2015)

Diante do quadro apresentado, é possível notar que o ensino de Artes na educação infantil possibilita o desenvolvimento integral da criança, ao incentivar a imaginação, sensibilidade, movimentos, gestos, criatividade, socialização, reprodução de situações reais. Potencializa, ainda, a cognição, o pensamento, além da capacidade de levar a criança a perceber o mundo e a experimentar sentimentos de ternura, simpatia, empatia.

2.6. LUDICIDADE, INTERDISCIPLINARIDADE E VIVÊNCIA LÚDICA

A ludicidade pode estar relacionada, ou não, aos termos brincadeira, brinquedo e jogo. No processo educacional, essas palavras apresentam conceitos que se interligam ao seu uso no dia-a-dia, ou seja, conforme a situação, apresenta significados iguais ou diferentes. O Quadro 3 a seguir apresenta a definição para os termos citados.

Quadro 3 – Conceitos pedagógicos de brincadeira, brinquedo, jogo e ludicidade

TERMO	CONCEITOS PEDAGÓGICOS
Brincadeira	A brincadeira estimula o criar, imaginar e interagir com o outro, além do desenvolvimento da identidade e autonomia. Promove a motricidade, socialização e descoberta do mundo, sendo livre ou dirigida, conforme o objetivo proposto pelo docente.
Brinquedo	O brinquedo está ligado ao ato de brincar, como produção cultural a criança no momento da brincadeira, transforma um objeto em seu brinquedo, criando e recriando, segundo sua imaginação e contexto vivido. É um recurso material com fins educativos.
Jogo	O jogo é uma atividade direcionada, com regras próprias e objetivo claro. Pode ocorrer fisicamente ou mentalmente, utilizando materiais concretos ou não.
Ludicidade	A ludicidade não se reduz somente ao ato de jogar ou brincar, nesse processo lúdico são necessários mais envolvimento do sujeito e um encontro com o seu eu. O lúdico não provém da experiência, nem está no contato com brinquedos ou atividades, mas nas necessidades, história pessoal e vivências encontradas nesse processo. Portanto, o que pode ser lúdico para uma criança, pode não ser para a outra.

Fonte: NETO (2011)

As ideias apresentadas no quadro anterior submetem a ideia do jogo como uma construção e interação do sujeito por meio de regras, já o brinquedo é o objeto utilizado como recurso para a brincadeira, com a utilização da imaginação, em consonância com o momento vivido pela criança. A brincadeira é o ato de brincar com o brinquedo ou jogo. Assim, o jogo, brinquedo e brincadeira tem sentidos diferentes, todavia, em relação à ludicidade, se relacionam e se complementam, cabendo aos professores explorar atividades pedagógicas que auxiliam nesse processo, como afirma Neto (2011):

[...] o professor se toma um organizador efetivo da situação de aprendizagem, na qual ele reconhece, afirma e apoia as oportunidades para a criança aprender a sua própria maneira, em seu próprio nível e a partir de suas experiências passadas (conhecimentos prévios) (NETO, 2011, p. 43).

Com a brincadeira e o jogo, a criança interage ludicamente, o que lhe possibilita desenvolver aspectos sócio emocionais, percepção de sua identidade, superação de desafios, fazer descobertas através de aspectos reais e a fantasia e

criação de conceitos e estratégias para conviver e lidar com conflitos. A criança constrói ideias e compreende onde utilizá-las (NETO, 2011).

Luckesi (2002) auxilia no entendimento de atividades lúdicas para aprendizagem da criança:

No estado lúdico, o ser humano está inteiro, ou seja, está vivenciando uma experiência que integra sentimento, pensamento e ação, de forma plena. A vivência se dá nos níveis corporal, emocional, mental e social, de forma integral e integrada. Esta experiência é própria de cada indivíduo, se processa interiormente e de forma peculiar em cada história pessoal. Portanto, só o indivíduo pode expressar se está em estado lúdico (LUCKESI, 2002, p. 25).

A ludicidade é caracterizada pela experiência e vivência da realização de uma atividade que permite a interação e a aquisição de conhecimento para a vida, ou seja, atividades lúdicas que podem provocar conhecimento em todos os aspectos, através do que é vivenciado pela interação com objetos ou pessoas. Bacelar (2009) amplia a compreensão da ludicidade ao destacar que esse recurso pode ser utilizado para aprendizagem em vários setores, como a convivência humana, na família, trabalho, amizade ou escola, o que pode possibilitar o estado de consciência desenvolvida, por conteúdos inconscientes relacionados a experiências (LUCKESI, 2007).

A ludicidade fortalece o trabalho pedagógico interdisciplinar, baseado no diálogo entre os saberes, propondo uma abordagem por meio de uma perspectiva instrumental, onde o conhecimento de todas as áreas se inter-relacionem, demonstrando sua aplicabilidade na realidade do aluno, como afirmam Lavaqui e Batista: “[...] nutre-se de saberes que se mostram pertinentes e aplicáveis a situações problemáticas concretas” (LAVAQUI; BATISTA, 2007, p. 406).

A proposta pedagógica com base na interdisciplinaridade articula duas ou mais disciplinas, áreas ou saberes, com a finalidade de levar à compreensão de ideias, pela análise do confronto e da relação de vários pontos de vista, culminando na reorganização do processo de ensino-aprendizagem. Assim, essa proposta trata da integração de conteúdos entre as disciplinas do currículo escolar, como define o Parâmetro Curricular Nacional:

A interdisciplinaridade não dilui as disciplinas, ao contrário, mantém sua individualidade. Mas integra as disciplinas a partir da compreensão das múltiplas causas ou fatores que intervêm sobre a realidade e trabalha todas as linguagens necessárias para a constituição de conhecimentos,

comunicação e negociação de significados e registro sistemático dos resultados (BRASIL, 1999, p. 89).

A interdisciplinaridade não elimina as disciplinas do currículo escolar, mas as direciona a dialogar entre si, trazendo uma dimensão maior, que permite a evolução da relação do educando com o outro e com o mundo. O sucesso dessa proposta requer o esforço do docente, que vai além de integrar os conteúdos das disciplinas, mas propor abordagens diferentes, incluindo os temas transversais que devem ser trabalhados (BONATTO *et al*, 2012).

A ludicidade é uma abordagem inovadora que supera a reflexão fragmentada, com base na investigação e superação do saber, pela compreensão da junção das ideias características de cada área de conhecimento, abrindo caminho para consolidação do conhecimento e resgate de possibilidades, sem se perder em generalidades, isso é um trabalho interdisciplinar que também precisa: “[...] partir da necessidade sentida pelas escolas, professores e alunos de explicar, compreender, intervir, mudar, prever, algo que desafia uma disciplina isolada e atrai a atenção de mais de um olhar, talvez vários” (BRASIL, 1999, pp. 88-89).

Na infância, a criança adquire os conhecimentos necessários para agir em diversas situações, para isso, em situações complexas, é preciso a ajuda de um adulto para auxiliar na junção de ideias. Por isso, a Educação Infantil é uma modalidade essencial para desenvolvimento do sujeito, onde os professores propõem intervenções pedagógicas que facilitam o processo de aquisição do conhecimento (ROJAS; SERPE, 2011).

Os Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil, de 2006, afirmam que a criança é um sujeito social e histórico, que adquire conhecimento no meio social em que está inserida, em uma sociedade que partilha de uma determinada cultura, ou seja, a criança é um ser que é produtora e produto da cultura (BRASIL, 2006).

A atitude interdisciplinar, inovadora parte do princípio nobre em exercer na criança um trabalho com ousadia, desapego, humildade, respeito e espera vigiada para despertar um interesse no aprender. Para permitir que o diferente habite e favoreça a novidade, reiterando novas pesquisas, outras buscas, novos desafios entre fios e tramas educativas e artísticas (ROJAS; SERPE, 2011, p. 9618).

Na Educação Infantil, a interdisciplinaridade deve ser o ponto de partida para a aprendizagem, já que acontece pela ação. É assim que a criança se desenvolve pela prática, já que precisa explorar, expressar, movimentar e interagir, tendo a ludicidade e a brincadeira como aliados que colaboram para o desenvolvimento da criatividade e crescimento social e emocional (ROJAS; SERPE, 2011).

Nessa proposta, a ludicidade como estratégia de aprendizagem para criança decorre da interação entre o mundo exterior e interior, onde cada indivíduo possui suas características e história individual, as quais auxiliam na efetivação do conhecimento interdisciplinar. A vivência lúdica com as outras crianças, adultos e o ambiente a sua volta são momentos de atividades pedagógicas divertidas, são espaços de descobrimento, de constituição, compreensão, autonomia, criatividade e expressão individual, o que culmina com a aprendizagem.

2.7 A MODELAGEM COM ARGILA E SUA INFLUÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DA CRIANÇA

O desenvolvimento da criança associa fatores psicológicos, históricos e organização social, sendo que o espaço que a criança ocupa nas relações sociais é fundamental. Existe uma forte conexão entre a história da sociedade e o desenvolvimento do homem, isso pode ser comprovado no fato de o adulto transmitir para as crianças seus pensamentos, experiências e cultura. Os processos cognitivos e psicológicos se dividem em dois níveis, o interpsicológico e intrapsicológico: o primeiro tem como base as relações sociais, onde as crianças aprendem pela convivência com as outras pessoas (sociedade), já o segundo tem referência no nível individual, a aprendizagem ocorre a partir dos conhecimentos que as crianças já adquirem, desde o nascimento (VYGOTSKY, 2010). Para este autor, o aprendizado pode ser compreendido como um processo externo, que pouco está envolvido no aprendizado.

O aprendizado se utiliza dos avanços do desenvolvimento em vez de fornecer um impulso para modificar sua trajetória. A aprendizagem da criança inicia bem antes da aprendizagem escolar, a qual não ingressa na escola como uma tábula rasa. Ao contrário, traz de casa sua história e conhecimentos que, por meio do convívio social, conseguiu assimilar, os quais podem, ou não, ter continuidade.

Assim, a aprendizagem da criança não começa na escola, mas desde seu primeiro dia de vida.

Não existe um único nível de desenvolvimento para Vygotsky, o primeiro nível é chamado de desenvolvimento efetivo da criança, ou seja, “[...] as funções psicointelectuais da criança que se conseguiu como resultado de um específico processo de desenvolvimento já realizado” (VYGOTSKY, 2010, p.111).

O segundo nível é chamado de desenvolvimento potencial. Na teoria Vygotskyana, o desenvolvimento é fruto de uma gênese social, que acontece de fora para dentro, com auxílio da cultura. A aprendizagem e o desenvolvimento não ocorrem como um processo único. O autor atribui valor à aprendizagem somente quando ela mesma é uma fonte de desenvolvimento. Vygotsky (2010, p. 212) considera que a aprendizagem “[...] é útil quando se move à frente do desenvolvimento. Ao fazê-lo, ela impele ou desperta toda uma série de funções que estão em fase de maturação, repousando na zona de desenvolvimento proximal”.

A teoria do desenvolvimento potencial de Vygotsky (2010) facilita a compreensão do progresso cognitivo humano, que defende o caminho que a criança perfaz para assimilar funções em processo de amadurecimento, as quais serão consolidadas, chegando ao nível de desenvolvimento real. A criança pode precisar da ajuda de um adulto em uma atividade - zona de desenvolvimento proximal, após será capaz de realizar a ação sozinha, alcançando a zona de desenvolvimento real. O avanço no estado do desenvolvimento mental da criança, afetivo ou potencial, só pode ser determinado, ao ser relacionado como o mínimo de dois níveis (VYGOTSKY, 2010).

A aprendizagem na Educação Infantil compreende aspectos voltados para o comportamento, conhecimento e habilidade. Para criança, a vivência possibilita o desenvolvimento cognitivo e social, sempre tendo como parâmetro a interação e a brincadeira. Os diferentes grupos etários que compõem a Educação Infantil devem ser respeitados, pois o ritmo da aprendizagem precisa ser considerado na prática pedagógica.

Considerando as várias faixas etárias presentes nessa modalidade, a BNCC divide os objetivos da aprendizagem em três grupos, quais sejam: Bebês (zero a 1 ano e 6 meses), crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses) e Crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses) (BRASIL, 2015).

Dessa forma, a BNCC divide a aprendizagem na Educação infantil em três grupos, sendo que cada grupo possui objetivos e práticas pedagógicas diferentes, conforme a idade da criança. Porém, os campos de experiências são os mesmos para todos os grupos. O Quadro 4 descreve os campos de experiências das crianças, relacionando-os às respectivas aprendizagens.

Quadro 4 – Campos de experiência da Educação Infantil

(continua)

CAMPOS DE EXPERIÊNCIA	PROPOSTAS
O eu, o outro e o nós	<ul style="list-style-type: none"> -Respeitar o outro, regras de convívio e a diversidade. -Expressar sentimentos, emoções e solidariedade.
Corpo, gestos e movimentos	<ul style="list-style-type: none"> -Reconhecer a importância de ações que contribuem para a saúde e preservação do meio ambiente. -Valorizar o próprio corpo realizando práticas de higiene, alimentação, vestimenta e cuidado com seu bem-estar. -Utilizar o corpo nas interações sociais (com criatividade, controle e adequação) -Coordenar suas habilidades manuais.
Traços, sons, cores e forma	<ul style="list-style-type: none"> -Perceber a música como forma de expressão individual ou em grupo, diferenciando os vários tipos de sons e ritmos. -Expressar-se por meio das artes visuais, utilizando diferentes materiais. -Relacionar-se com o outro empregando gestos, palavras, brincadeiras, jogos, imitações, observações e expressão corporal.
Escuta, fala, pensamento e imaginação	<ul style="list-style-type: none"> -Expressar ideias, desejos e sentimentos. -Argumentar e relatar fatos oralmente. -Ouvir, compreender, contar, recontar e criar narrativas. -Conhecer diferentes gêneros textuais. Sua função social, reconhecendo a leitura como fonte de prazer e informação.

Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações	<ul style="list-style-type: none"> -Identificar, nomear adequadamente e comparar as propriedades dos objetos, estabelecendo relações entre eles. -Interagir com o meio ambiente e com fenômenos naturais ou artificiais, demonstrando curiosidade e cuidado com relação a eles. -Utilizar vocabulário relativo às noções de grandeza (maior, menor, igual etc.), espaço (dentro e fora) e medidas (comprido, curto, grosso, fino) como meio de comunicação de suas experiências. -Utilizar unidades de medida (dia e noite; dias, semanas, meses e ano) e noções de tempo (presente, passado e futuro; antes, agora e depois), para responder a necessidades e questões do cotidiano. -Identificar e registrar quantidades por meio de diferentes formas de representação (contagens, desenhos, símbolos, escrita de números, organização de gráficos básicos etc.).
---	---

Fonte: BRASIL (2015, p.55), adaptado pela autora

Os campos de experiência apresentados no Quadro 4, trazem uma visão dos objetivos de aprendizagem para a Educação Infantil e oferecem orientações para que a escola busque estratégias de ensino que fortaleçam a interação e a brincadeira, para que continuem se desenvolvendo. Entre as metodologias que podem ser utilizadas com as crianças na escola está a modelagem, que favorece aprendizagens de relacionamentos, pois compreende o campo o “Eu, o outro e o nós”, uma vez que possibilita a aquisição de valores como respeito ao outro, regras de convívio, compreensão das diversidades, além de aprender a expressar sentimentos, emoções e a serem mais solidárias. A modelagem também auxilia nas vivências relacionadas ao campo do “Corpo, gestos e movimento”, ao melhorar a coordenação das crianças no que se refere a habilidades manuais (BRASIL, 2015).

No campo de experiência “Traços, sons, cores e formas”, com a modelagem, a criança pode ser incentivada a se expressar por meio das artes visuais, utilizando diferentes materiais, e aprende a se relacionar com o outro, empregando gestos, palavras, brincadeiras, jogos, imitações, observações e expressão corporal. Por sua vez, o campo “Escuta, fala, pensamento e imaginação” pode possibilitar à criança o desenvolvimento da expressão de ideias, desejos e sentimentos, argumentação de fatos orais, o ouvir, compreender, contar, recontar e criar narrativas, por fim, no campo “Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações”, a criança pode identificar, nomear e comparar as propriedades dos objetos, estabelecendo

relações, noções de grandeza, medidas, espaço e quantidade. Com isso, a utilização da modelagem como recurso didático na Educação Infantil contribui para a consolidação dos objetivos de aprendizagem (BRASIL, 2015).

A modelagem com a argila é uma atividade de expressão artística desde os tempos mais remotos da humanidade e ainda está presente no cotidiano da sociedade moderna. Essa manifestação artística aparece em objetos, decoração ou utensílios domésticos. A modelagem é uma linguagem artística lúdica que propicia a comunicação visual, pela forma, volume, espaço (interno/ externo) e plenitude da construção, com isso, modelar é despertar os sentidos do corpo do indivíduo (VILLA, 2013).

Como estratégia lúdica no processo educacional, a modelagem propicia o desenvolvimento motor, criativo e emocional, pois exige da criança a iniciativa de arriscar, aprender com erros, a ter perseverança nas tentativas, a aceitar situações que fogem do controle. A modelagem traz uma proposta pedagógica voltada para a infância, a qual se configura como uma estratégia que possibilita o desenvolvimento humano, propiciando ao sujeito a capacidade de refletir cognitivamente e socialmente pelo campo da arte e pela experiência estética, considerando que a Arte foge da tradição pedagógica que busca a normatização de atitudes, valores e ideias. Isso, porque com a modelagem, é preciso se deixar levar, sem preconceitos, instigando a imaginação em situações de atenção/desatenção e aproximação/afastamento, educando o olhar para “ver” o novo (OLIVEIRA, 2008).

A utilização da modelagem como recurso pedagógico na educação infantil desperta as relações dialógicas, nas quais o jogo lúdico traz significados e imaginação, através de narrativas, expressão corporal, manipulação de materiais como objetos, rochas, argila ou massa de modelar. Para que suas construções tomem forma, é preciso a expressão de sensibilidade, emoção, descoberta e imaginação da criança, no intuito de dar sentido a sua construção (OLIVEIRA, 2008).

Como estratégia de aprendizagem, a modelagem em argila pode ser utilizada no ensino da disciplina de artes, pois possibilita um contato mais real da criança com os colegas, o professor (a) e o mundo a sua volta. Para entender os códigos de uma linguagem, as crianças necessitam ter contato com muitas práticas que determinam a linguagem e, a partir daí, brincar com seus códigos de distintas atitudes (OLIVEIRA, 2008).

Assim, essa linguagem artística, lúdica como estratégia de aprendizagem, pode ser utilizada no contexto educacional para facilitar a criança a se comunicar visualmente, já que, além de todo processo de troca de experiência, interação, socialização e despertar de todos os sentidos, o modelar com argila admite a produção tridimensional. Para Chiesa (2004, p. 51): funciona como uma experiência que favorece “uma noção de forma, de volume, de vazio, de espaço (interno/ externo) e de plenitude. Uma sensação de criação inteira materializa-se e se comunica”. Por sua vez, Diehl (2008, p.15) defende que a ação de modelar significa sentir com o corpo e essa “relação do educando com o barro provocou a educação do sensível, que ainda precisa ser ampliada nos espaços educativos para que o saber sensível e o inteligível estejam incorporados na vida dos educandos”.

A utilização da modelagem como estratégia de ensino contribui para a evolução da criança, ao incentivar as interações sociais que reforçam seu desenvolvimento. Trata-se de um processo pedagógico que ocorre no convívio de sujeitos com características históricas e culturais diversas, facilitando-lhes a expressão de ações, pensamentos e sentimentos. Nessa proposta, as dimensões cognitivas e afetivas devem estar juntas, pois para criança, a interação com seus pares e com o meio em que vive amplia sua consciência, desde o nascimento.

No âmbito da escola, é importante então garantir trocas significativas entre adultos e crianças e oportunizar trocas entre as próprias crianças, principalmente por meio da brincadeira, bem como dar tempo e espaço para que elas desenvolvam atividades em pequenos grupos, incentivando-as a se expressarem, a exercerem a curiosidade e a negociarem ações e decisões (SOUZA; ORTEGA, 2015, p. 4).

Portanto, a modelagem como estratégia de ensino de Artes na Educação Infantil, através das interações sociais, é marcada pela subjetividade em consequência da relação que cada criança constitui com sua produção artística, além do sentimento de reconhecimento e pertencimento a uma sociedade. Isso nos leva a entender o ensino das Artes pela modelagem e seu auxílio direto à formação humana pela vivência da criança, como afirma Diehl (2008, p. 1521): “[...] as possibilidades da linguagem tridimensional, proporcionaram aos educandos produzirem, por meio da arte numa ação perceptiva que implica sentir e expressar a partir do material”.

2.8 MODELAGEM DE VASILHAMES DA CULTURA INDÍGENA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A modelagem em argila na cultura indígena se destaca pela geometria, beleza e expressão sentimental. Nesse sentido, a criança tem a oportunidade de observar as manifestações culturais, refletir sobre a presença da cultura indígena em nossa sociedade, com o propósito de assimilar valores sociais e aprender a respeitar as diferenças (MENDES, 2016).

As Diretrizes curriculares Nacionais para Educação Infantil apontam que, na elaboração da proposta curricular dessa modalidade, alguns eixos devem ser contemplados, em consonância com as características, identidade e decisões coletivas da escola. Destaca-se entre essas propostas que a escola deve propiciar “[...] a interação e o conhecimento pelas crianças das manifestações e tradições culturais brasileiras” (BRASIL, 2010, p.27).

As DCNEI orientam para a necessidade de organização de tempos, espaços e materiais da escola, com o propósito de consolidação dos objetivos e propostas pedagógicas das instituições de Educação Infantil. Com isso, a criança precisa ter condições para realizar a aprendizagem coletiva, cabendo ao professor o planejamento de atividades e organização de materiais, espaços e tempos que assegurem. “A apropriação pelas crianças das contribuições histórico-culturais dos povos indígenas, afrodescendentes, asiáticos, europeus e de outros países da América” (BRASIL, 2010, p.20).

Nessa lógica, é importante que a educação infantil desenvolva atividades que abordem os aspectos históricos e culturais indígenas, afrodescendentes, asiáticos, europeus e outros que formaram nossa sociedade. Portanto, é imprescindível que a criança tenha noção da diversidade cultural que configura a sociedade e valorize a história e a cultura dos diversos grupos que a formaram. A escola tem o papel de realizar ações que propicie o conhecimento da diferença, enquanto ação humanizadora (BRASIL, 2010).

A sociedade indígena constitui o povo que, além de formar a nação, era o único dono das terras brasileiras.

A costa atlântica, ao longo dos milênios, foi percorrida e ocupada por inumeráveis povos indígenas. Disputando os melhores nichos ecológicos, eles se alojavam, desalojavam e realojavam, incessantemente. Nos últimos

séculos, porém, índios de fala tupi, bons guerreiros, se instalaram, dominadores, na imensidade da área, tanto à beira-mar, ao longo de toda a costa atlântica e pelo Amazonas acima [...] (RIBEIRO, 1995, p. 29).

A chegada do europeu a essas terras mudou completamente o seu mundo e o seu destino, explica Ribeiro (1995). O forasteiro usava de métodos superagressivos e capazes de “[...] atuar destrutivamente de múltiplas formas. Principalmente como uma infecção mortal sobre a população preexistente, debilitando-a até a morte [...]” (RIBEIRO, 1995, p. 30).

João Baptista Filho (1999, p. 99), em seu artigo intitulado “A Utilização de Substâncias Minerais pelos Povos Indígenas-Breves Comentários” relata que quando Pedro Álvares Cabral (1500) chega ao Brasil, encontra “[...] uma população indígena não só numerosa como também culturalmente bastante atrasada”. O autor comenta que, para alguns antropólogos, a cultura dos nossos silvícolas era comparada aos antigos humanos viventes nos períodos paleolítico e neolítico da evolução humana.

No plano étnico-cultural, surge uma transfiguração que foi gestada em [...] etnia nova, que foi unificando, na língua e nos costumes, os índios desengajados de seu viver gentílico, os negros trazidos de África, e os europeus aqui querenciados (RIBEIRO, 1995, p. 30). Desse modo, se formou o povo brasileiro que surgia, construído com os tijolos dessas matrizes, à medida em que elas iam sendo desfeitas, e posteriormente, os dois primeiros grupos, sobretudo os indígenas, desvalorizados e desprezados.

O professor Leonardo Nascimento Bourguignon morador da cidade de Piúma-ES publicou, em 2018, a obra “De Muribeca a Guarapirim: retalhos da história do litoral sul do Espírito Santo”, na qual registra que os primeiros habitantes do litoral sul do Espírito Santo, chegaram há aproximadamente 4 mil anos, se deparando com uma abundância de alimentos nos rios, manguezais, estuários e restingas. Com o descobrimento do Brasil, após 1540, os povos indígenas vivenciaram invasões de franceses, holandeses e ingleses, em busca dos recursos naturais, em especial, o pau brasil (BOURGUIGNON, 2018).

Bourguignon (2018) revela que os padres jesuítas, depois de algumas décadas do descobrimento, fundaram aldeamentos como Reritiba, atual Anchieta e Guarapirim e uma fazenda em Muribeca, no século XVII, na divisa entre os atuais estados do Espírito Santo e Rio de Janeiro. Ao longo litoral ainda havia aldeias em

Meaípe, Ubu, Parati, Iriri, Piúma, Itaipava. A principal aldeia da região foi a de Reritiba, porém a convivência entre os povos indígenas e os jesuítas passavam por momentos de tranquilidade e revoltas, como a maior delas, ocorrida em 1742, em toda a Capitania do Espírito Santo.

Com a obrigatoriedade legal de realização de estudos de impacto ambiental, o que requer o diagnóstico arqueológico, nas últimas décadas, para implantação de empreendimentos, na região da costa sul capixaba, foram identificados os diversos sítios arqueológicos, pertencentes aos índios Tupi de etnia Goitacá e Puri, isso, nos municípios de Piúma, Anchieta e Presidente Kennedy, demonstrando a ocupação entre os séculos XII ao XVI, ou seja, antes da colonização europeia. Por sua vez, o município de Piúma, antigamente, era uma aldeia indígena dos Puri (BOURGUIGNON, 2018).

Santiliano (2018) salienta que os índios que viviam no sul do Estado do Espírito Santo e norte do estado do Rio de Janeiro, mais especificamente nas regiões litorâneas, eram os índios Goitacazes, Puris e Botocudos. Os Goitacazes também eram chamados de goitacás e guaitacás, encontrados pelos europeus no baixo Itabapoama⁴, no ano de 1540, a tradução do nome Goitacazes significa corredor, ou nadador. Antes da chegada dos europeus, eles haviam descido do Paraíba do Sul, atualmente município de Campos dos Goitacazes, e chegaram ao litoral sul do Espírito Santo, alcançando os municípios de Anchieta e até Guarapari, onde atacaram alguns estabelecimentos portugueses, voltando para o litoral norte fluminense, onde guerrearam e expulsaram os europeus.

Os Goitacazes, no início do século XVII, passaram por uma terrível epidemia, que dizimou muitos índios, além disso, estiveram envolvidos em uma guerra entre os portugueses contra os ingleses/holandeses, que tentavam conquistar a Paraíba do Sul. Os poucos que suportaram a epidemia e a guerra, migraram para aldeamentos no litoral de Anchieta, com a proteção dos padres jesuítas (SANTILIANO, 2018).

⁴ Viviam na região costeira do Rio São Mateus e a foz do Rio Paraíba, localizados respectivamente no Espírito Santo e Rio de Janeiro. A cidade conhecida hoje como Campos dos Goytacazes - RJ está situada em uma região que representa apenas uma porção do extinto território Goitacá.

Figura 1 – Dança de Caboclos dos Puris – Pintura do século XIX de Van de Velden



Fonte: SANTILIANO, Thiago Costa. **Os índios Goitacases e Puris que habitavam nossa região**. Geocosta, Mimoso do Sul-ES, 2014. Disponível em: <<https://geocostan.webnode.com.br/historia/historia/indios-que-habitavam-nossa-regiao/>>. Acesso em: 01 mai. 2019.

Por sua vez, os índios denominados Puri eram pescadores e também viviam no Litoral do Espírito Santo e Rio de Janeiro. Com a chegada dos portugueses em 1500, para fugir da escravização, migraram para as regiões serranas, nas matas fechadas, o que os ajudou a sobreviver por mais tempo, preservando sua cultura e costumes. Após várias caçadas aos índios e resistência ao aldeamento, massacres e invisibilidade, os Puris não resistiram. Bento (1995, p. 5) explica que:

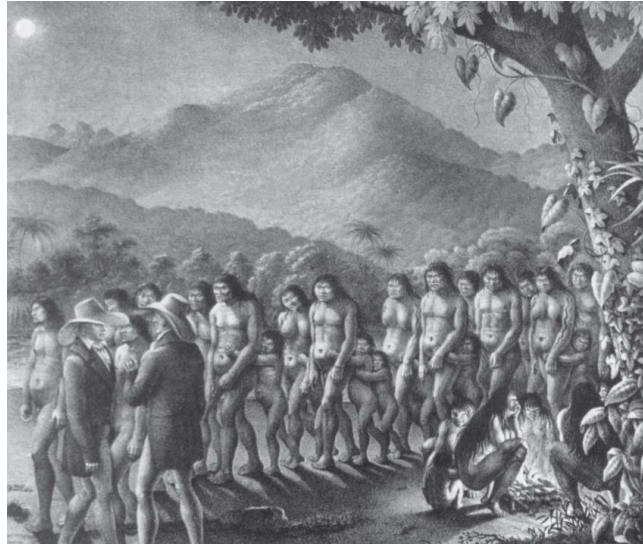
Não se conhecia fato algum de um Puri que haja matado um branco. Quando os brancos se embrenhavam na mata para colher a planta medicinal poaia, ao encontrarem os Puris estes se punham a correr arriscando-se furtivamente a apanharem para seus usos as ferramentas dos brancos. O próprio nome Puri significava na língua deles gente mansa ou tímida (BENTO, 1995, p. 5).

A extinção dos Puris foi contestada pelo professor Alvaro Astolpho de Oliveira, no seu livro Geografia do Estado de Minas Gerais de 1929, que defende a existência de um aldeamento Puri na bacia do Rio José Pedro, no município de Caparaó, como também pelo escritor Paulo Mercadante em seu livro Crônica de uma Comunidade Cafeeira de 1940, que aponta a presença de grupos Puris nas matas de São Francisco, Divino e Cachoeira do Boi. De qualquer forma, seus costumes, cultura e danças, como a “Dança de Caboclos”⁵, são preservados até

⁵ A Dança de Caboclos, ou Caboclinhos representa o período colonial e a catequização jesuítica, está presente em todo o país, representando as diversas culturas locais. Na cidade de Araçuaia, a Dança de Caboclos é voltada a apresentar o Povo Originário Puri, demonstrando que as raízes Puris ainda estão presentes em nossa sociedade.

hoje pelos seus descendentes em uma escola e duas associações nos municípios de Araponga (Associação de Agricultores Familiares de Araponga) e Barbacena (Associação de Remanescentes de Índios Puri de Padre Brito) (BENTO, 1995).

Figura 2 – Dança dos Puris – Pintura do século XIX de Van de Velden



Fonte: SALLAS, Ana Luisa Fayet. **Narrativas e imagens dos viajantes alemães no Brasil do século XIX: a construção do imaginário sobre os povos indígenas, a história e a nação.** Hist. cienc. saude-Manguinhos [online], v.17, n. 2, pp. 415-435. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702010000200009&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 01 jun. 2018.

O escritor Ailton Krenak nasceu na região do vale do Rio Doce, onde atualmente a ecologia tem sofrido com a extração mineira, o levando a escrever a obra “Ideias Para adiar o fim do mundo”, que trata de uma parábola retratando os índios, na visão de um dos maiores pensadores indígenas. Para Krenak (2019), todo esse desastre socioambiental é consequência do antropoceno⁶. A resistência indígena desde os tempos mais remotos é fruto da aceitação da ideia de que somos todos iguais. Enquanto o ser humano não se conscientizar que não é superior a outros seres vivos, ou seja, reconhecer a diversidade, não haverá mudanças na relação com a natureza.

De acordo com Krenak (2019), a maneira com que os brancos abrem mão do contato e harmonia com a natureza, sem respeito nenhum com a Terra, é um processo de abstração civilizatória, ao tirar no passado o direito dos índios de

⁶ O Antropoceno são transformações irreversíveis no sistema planetário, por conta da atuação da humanidade, resultado de escolhas políticas, que foram feitas pela humanidade, em virtude de interesses e privilégios de determinados grupos.

interagir com a natureza, de forma sustentável e, nas últimas décadas, ao incentivar o êxodo rural, como afirma a seguir:

A modernização jogou essa gente do campo e da floresta para viver em favelas e em periferias, para virar mão de obra em centros urbanos. Essas pessoas foram arrancadas de seus coletivos, de seus lugares de origem, e jogadas nesse liquidificador chamado humanidade (KRENAK, 2019, p. 14).

Por isso, a importância dos vínculos indígenas e sua identidade e memória, já que esses não se viam como separados da natureza, mas como parte dela, ou seja, as montanhas, árvores, terra, água são tratados por eles como algo sagrado, razão pela qual respeitavam e preservavam a natureza. Atualmente as pessoas não têm nenhuma conexão com aspectos sagrados da natureza, o que as leva a extrair dela os recursos, sem consciência. A forma desrespeitosa com que o branco agiu com índio, a partir da colonização do país, em busca de seus territórios, para usufruir da terra em nome do progresso, resultou na falta de sentido da vida, “isso porque a máquina estatal atua para desfazer as formas de organização da nossa sociedade, buscando uma integração entre as populações e o conjunto da sociedade brasileira” (KRENAK, 2019, p. 39).

Assim, na tentativa de trazer à baila os valores culturais do povo indígena, optamos por desenvolver processos pedagógicos focados em sua riqueza cultural, utilizando a disciplina de Artes. Dessa forma, as crianças poderiam compreender as diferenças e os vários olhares de mundo e, sobretudo, desenvolver o respeito com as diversidades culturais e conferir-lhe a importância merecida. A modelagem como estratégia de ensino pode ser utilizada com esse objetivo, ao reproduzir objetos, modos de vida e a cultura indígena, utilizando as interações sociais para formar ideias, valores e atitudes.

Os índios ainda continuam sendo vistos como um povo inferior, seus modos de vida são desprezados, sua cultura é desvalorizada. Por isso, a escola deve desenvolver práticas intervencionistas que façam a criança compreender aspectos sociais da diversidade que conformam a sociedade brasileira a fim de não crescerem com o sentido de separação.

Como afirma Maria Regina Celestino de Almeida, ao prefaciar a obra da historiadora Vânia Maria Losada Moreira (2010), os povos indígenas foram, por muito tempo, negligenciados em uma historiografia, por terem sido considerados

[...] desaparecidos, misturados ou aculturados, os índios vêm, nas últimas décadas, merecendo maior atenção dos historiadores. A partir de abordagens histórico-antropológicas, passam a ser vistos como sujeitos históricos movidos por interesses próprios ancorados, em grande parte, em suas próprias organizações sociais, continuamente alteradas pelas experiências de contato (ALMEIDA, 2017, p. 32).

Dados do IBGE informam que no século XVI a diversidade sociocultural e étnica dos indígenas brasileiros estava estimada em 5 milhões de índios, de mais de 1000 etnias e cerca de 1.300 línguas. Atualmente, esse quantitativo populacional caiu para 896,9 mil. Sendo 36,2% residentes em área urbana e 63,8% na área rural (IBGE, 2010).

Apesar de alguns estudos denunciarem a invisibilidade indígena que predomina no Brasil, a comunidade indígena capixaba fez parte da história de luta e guerra no Espírito Santo. Com a aplicação da Carta Régia de 1798, os índios, por força de lei passaram a ser usados para trabalho civil e militar, mesmo depois da Independência do Brasil, o que demonstra a fragilidade do autogoverno dos índios, os quais deixavam, pouco a pouco, de assumir a função de vereadores ou juizes ordinários nas Câmaras, passando esses postos para os “brancos”. Por sua vez, a extinção das ordenanças, em 1831, acabou com o último título do poder dos índios, o de capitão-mor (MOREIRA, 2010).

Nesse sentido, mesmo com a luta dos índios brasileiros e capixabas pelo reconhecimento do seu espaço e cultura, a invisibilidade indígena existe no país. Por isso, a escola tem função de realizar atividades que propiciem às crianças conhecer esse povo e preservar sua cultura, respeitando seu modo de vida.

Os índios no Brasil contavam com o clima tropical, que favorece a agricultura, pecuária, caça e pesca. Na região Sudeste, o solo possui riquezas minerais, que facilita a retirada do material argiloso, o que possibilitou a construção de cerâmica que, na língua tupi, pode ser conhecida como tabatinga (argila branca), tauá (argila amarela) e tapitanga (argila vermelha), de adornos para enfeite do corpo feito com pedras semipreciosas, instrumentos de caça e guerra, como machadinhas e pontas de lança, a partir de rochas basálticas (basalto e diabásios), sílex ou calcedônia e extração de minerais para pintura do corpo e das peças de cerâmica como minerais à base de óxidos de ferro e manganês (FILHO, 1999).

No Espírito Santo, atualmente, existem duas etnias de povos indígenas, os Tupinikim e Guarani Mbya, situados em Aracruz, município do litoral norte do estado

e distante da capital Vitória cerca de 83 quilômetros. Os povos Tupinikim já pertenciam ao estado do Espírito Santo antes da chegada dos europeus, habitando uma faixa de terra litorânea entre Camamu e o rio Cricaré ou São Mateus. Atualmente, a ocupação dos índios no estado se restringe apenas ao município de Aracruz e sobrevivem da coleta de mariscos, artesanatos e alguns índios trabalhavam na cidade exercendo profissões de domésticas, pedreiros, pescadores, carvoeiros e outros (SILVA, 2008).

A atenção à saúde dos povos indígenas em Aracruz, desde tempos remotos, é marcada pela desarticulação e imposição da prática de medicina ocidental, desfazendo do conhecimento medicinal tradicional dos índios e suas culturas. Ao serem atendidos nos hospitais, suas histórias de vida, vínculos sociais eram desconsiderados. Fatores essenciais para motivação e autonomia no processo terapêutico, essa característica vai contra os tratamentos de saúde realizados nas aldeias que priorizam a valorização e participação do índio no seu cuidado (PELLON; VARGAS, 2010).

Com isso, a saúde indígena esbarra em sérios desafios devidos à incapacidade do poder municipal, em atender às suas necessidades sem infringir sua cultura. Com a revogação da Portaria MS no 2656/2007, as ações de atenção à saúde indígena passaram a ser responsabilidade dos sistemas municipais de saúde. Com isso, as lideranças indígenas do Estado passaram a se preocupar com a diminuição da qualidade dos serviços prestados, em decorrência da falta de capacitação dos profissionais e de comprometimento social com os interesses econômicos (PELLON; VARGAS, 2010).

A interculturalidade, ou seja, a interação de várias culturas, pode ocasionar conflitos culturais, tensão e até violência, a partir de sujeitos que estão em lados diferentes, em relação ao campo social, econômico e político. Os índios aldeados em Aracruz passam por um processo saúde-doença que sofre influências das relações interculturais conflituosas, além disso, por questões culturais, nem sempre o que a medicina ocidental acredita ser correto, os índios, por sua convicção, aceitam como verdade, ou seja, "(...) nem sempre as mudanças que julgamos necessárias e imprescindíveis para a melhoria das condições de vida de nossos clientes coincidem com os desejos e com a visão de mundo dessas pessoas" (SABOIA, 2003, p. 120).

Esse cenário aponta no sentido de que a educação infantil foque sua atenção na valorização desses povos a fim de que as crianças aprendam a respeitar os primeiros habitantes de nosso solo, comprovando que a história do Brasil contém sua marca cultural.

Devido à sua cultura extrativista, que predominava até certo tempo na Região Sudeste, esses sujeitos tiveram condições de sobreviver da caça, pesca e agricultura. Nosso solo forneceu a matéria prima para elaboração de ferramentas e objetos que compõem e caracterizam suas práticas sociais.

O conhecimento das raízes indígenas pelas crianças reside no fato de que possam valorizar as diferenças existentes na sociedade, justamente como propõem as Diretrizes curriculares Nacionais para Educação Infantil, pois toda criança precisa ter ciência da diversidade que constitui a sociedade. Cabe, então, à escola a função de operacionalizar propostas curriculares que incentivem a aquisição de tais conhecimentos (BRASIL, 2010).

No âmbito educacional ficou sancionado maior incentivo ao reconhecimento dos afrodescendentes e indígenas, como sujeitos históricos que contribuem para construção social, econômica e histórica do Brasil. A Lei nº 10.639/03 obriga o ensino da História e Cultura Africana e Afro-brasileira, e posteriormente, a Lei nº 11.645/08, que complementava a primeira, acrescentou a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Indígena. Como estabelecido no parágrafo 1º do Artigo 26 da referida Lei:

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil (BRASIL, 2008).

Nesse contexto, essa legislação marca uma das grandes conquistas da educação para o reconhecimento social de grupos marginalizados, como de negros e indígenas, que compõem a pluralidade da sociedade brasileira, ao tornar obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena em todas as modalidades de ensino da educação básica, em escolas brasileiras, públicas e privadas. Tal movimento possibilita a escola se tornar um espaço para pensar os diferentes sujeitos e a diversidade cultural, na qual o professor exerce o papel de

mediador das relações de ensino-aprendizagem, relações éticas e conflitos de ideologias.

A legislação educacional brasileira tem destacado a importância de que sejam abordados temas da diversidade cultural brasileira nas práticas curriculares em todas as fases da escolarização. Um destaque dessa diversidade está centrado na cultura indígena. Os traços da cultura indígena estão presentes na cerâmica, trançados com matérias primas naturais, moda, música, religião e culinária e são largamente utilizados pela sociedade contemporânea. A arte indígena é marcada pela criatividade, ao aproveitar materiais disponíveis na natureza para confecção de adornos para o corpo, utensílios domésticos, pesca e caça, como destaca Mendes (2016, p. 5):

A arte indígena clássica fazia uso basicamente daquilo que se encontrava disponível na natureza ao seu redor, ou seja, apresentavam somente elementos naturais em sua composição criativa, se destacando os seguintes elementos: madeira, palhas, cipós, resinas, ossos, dentes, couro, conchas, pedras, sementes, plumas, tintas de produção própria, entre os demais elementos presentes na atualidade (MENDES, 2016, p. 5).

Como parte da cultura indígena, a modelagem em argila se destaca pela grande utilidade, beleza e expressão sentimental, em que cada peça criada tem sua função e preocupação em preservar a tradição de uma tribo, demonstrando seus costumes. As primeiras peças em cerâmicas produzidas pelos índios tinham o único objetivo de armazenar água e alimentos, depois passaram a fazer parte das suas manifestações artísticas e culturais, ao refletir seu cotidiano (MENDES, 2016).

A coleta de argilo-minerais às margens dos rios era papel das índias, que manuseavam uma mistura de elementos orgânicos e inorgânicos e produziam potes, gamelas, jarros, esculturas, vasos e instrumentos, todos apresentando linguagens artísticas, que refletiam as características da tribo, algumas simples e outras mais elaboradas (MENDES, 2016).

A culinária do Espírito Santo foi influenciada pela arte indígena e tem destaque nacional pela moqueca capixaba, prato tradicional, preparado na panela de barro, que empresta um simbolismo forte à cultura capixaba. Em 20 de dezembro de 2002, o ofício das paneleiras e a panela de barro foram inscritos no Livro do Registro dos Saberes, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), passando a ser reconhecida nacionalmente como Patrimônio Cultural Brasileiro (NICOLE, 2012).

As Paineiras de Goiabeiras são sinônimas de tradição, luta e arte. Motivos que nos chamaram a atenção para a necessidade de um estudo antropológico que reflita acerca dos traços singulares deste estilo de vida atrelado às práticas tradicionais da “cultura do barro”, em meio a um espaço urbano moderno que, por si, influencia sobremaneira os padrões de sociabilidade e de produção entre os indivíduos (NICOLE, 2012, p. 25).

A confecção da panela de barro tem ligação com a cultura Tupi-Guarani, tradição de várias tribos indígenas que viveram em terras capixabas, repassadas ao longo do processo histórico. Por isso, essa atividade é de atribuição feminina, que tradicionalmente são repassadas pelas chamadas “Paineiras de Goiabeiras” as novas gerações, as filhas, netas, sobrinhas e vizinhas (NICOLE, 2012).

A utilização da modelagem com as crianças na educação infantil através da construção de objetos indígenas propicia a reflexão sobre o processo de transformação, textura, temperatura, resistência, forma e plasticidade da argila. Mais que isso, possibilita o conhecimento e a valorização da cultura indígena, pelas suas formas de expressão artísticas, interação da criança com os seus pares, que levam a releituras, debates, comentários, discussões sobre o trabalho manual e o reconhecimento da sua contribuição para nossas vidas e história.

3 METODOLOGIA

3.1 TIPO DE PESQUISA

Este estudo é classificado como de abordagem qualitativa, de cunho descritivo. Para Fernandes (2003), a pesquisa descritiva é conceituada como: “[...] uma modalidade de pesquisa cujo objetivo principal é descrever, analisar ou verificar as relações entre fatos e fenômenos (variáveis), ou seja, tomar conhecimento do que, com quem, como e qual [...]” (FERNANDES, 2003, p. 8).

Assim, a pesquisa descritiva tem o propósito de melhor adaptar o instrumento de coleta ao contexto que se pretende conhecer, porém, para isso o referencial teórico precisa atender aos objetivos. Por essa razão a primeira pesquisa apontada anteriormente, a bibliográfica que, foi “desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos [...]” (GIL, 2002, p.44).

Na pesquisa qualitativa, há uma relação direta entre o mundo real e o sujeito, na qual a interpretação dos fenômenos não é traduzida por números. Segundo Prodanov e Freitas (2013, p.70): “O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave”. A coleta e análise de dados se baseiam em métodos qualitativos, devido à preocupação em captar comportamentos observados e características subjetivas apresentadas pelos sujeitos da pesquisa.

O estudo também foi classificado como pesquisa-intervenção, uma vez que foi implementado um elenco de ações que permitiram a interação da pesquisadora com o objeto pesquisado (a modelagem com argila no ensino de Artes). Tal dinâmica determinou os caminhos da pesquisa, por meio da produção em grupo. Essa metodologia foi essencial para realização do estudo, já que a intervenção se articula à pesquisa para permitir, analisar e entender a relação entre teoria/prática na instituição e aplicação do conhecimento. Como descreve Rocha (2003): “na pesquisa-intervenção, não visamos à mudança imediata da ação instituída, pois a mudança é consequência da produção de uma outra relação entre teoria e prática, assim como entre sujeito e objeto” (ROCHA, 2003, p. 73).

3.2 SUJEITOS E AMOSTRA DA PESQUISA

Foram investigados três professores da Educação Infantil: dois regentes de sala e o professor da disciplina de Artes de duas turmas do 2º Período, com o total de 50 alunos com idade entre 4 e 5 anos, pertencentes à Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Vilmo Ornelas Sarlo, vinculada à Rede Municipal de Presidente Kennedy-ES. Essa escolha se deu pelo critério de conveniência, pela facilidade de acesso aos alunos e professores, já que atuamos na escola, campo da pesquisa.

3.3 COLETA DE DADOS

Para coleta e produção de dados foram usadas duas técnicas: a observação sistemática (Apêndice C) e o Grupo Focal, (Apêndice A) para os professores, com questões que relacionam a contribuição das práticas de modelagem, na disciplina de Artes, como estratégia lúdica, para aprendizagem, e como é realizada a aplicação dessa prática.

Para Gatti (2012), a utilização do Grupo Focal como método para coleta de dados é realizada quando se pretende analisar as diferenças, contraposições e contradições, fatores que impulsionam conclusões reais. O Grupo Focal permite liberdade de expressão e participação efetiva. Lopes (2014) acrescenta que essa técnica é muito utilizada nos estudos com abordagem qualitativa, pois propicia o alcance de diversas perspectivas de uma mesma questão.

Assim, nessa pesquisa, optamos pela utilização do grupo focal, como recurso para coleta de informações necessárias à complementação dos dados obtidos pela observação sistemática da participação das crianças, no trabalho com a modelagem de objetos indígenas com argila, no ensino de Artes.

Para dar início à seção, foi estabelecido o *rapport*, quando apresentamos o propósito e o formato da reunião para que os participantes soubessem o que esperar das discussões e ficassem à vontade. Comentamos sobre o anonimato e explicamos que cada participante tinha 10 min para falar, em cada rodada de perguntas, e deveriam ser evitadas conversas paralelas. Em seguida, esclarecemos sobre a importância de opiniões divergentes, sendo todas bem-vindas. Explicamos também que a discussão deveria ser informal e que contávamos com a participação

de todos, com a máxima espontaneidade. O momento direcionado à realização do grupo focal ocorreu no dia 09 de março de 2020, na sala de planejamento da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Vilmo Ornelas Sarlo, com início às 8:00 e término às 11:00.

A técnica da observação das atividades foi realizada em todas as etapas da Sequência Didática, a fim de acompanhar a participação dos alunos envolvidos em todos os momentos do processo de intervenção. Tais atividades compõem a Sequência Didática (Apêndice B), a fim de que o processo de ensino e seus resultados, fossem observados. Nesse contexto, pretendíamos verificar, à luz da teoria selecionada para este estudo, como as crianças se apropriam de saberes e valores humanos a partir da manipulação de objetos de argila.

Para empreender essa produção de dados, aplicamos um roteiro de Observação (Apêndice C), com pontos previamente definidos para dar resposta ao problema da pesquisa, por meio da observação de 10 aulas.

3.4 ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS COM A MODELAGEM DE ARGILA: O PRODUTO EDUCACIONAL

Essas estratégias deram origem ao Produto Educacional, desenvolvido como experiência para avaliar se as aulas com modelagem de argila com objetos da cultura indígena contribuem para a formação humana das crianças.

As intervenções se constituíram na forma de uma Sequência didática intitulada: “Modelando a cultura dos índios, revelando nossa história” (Apêndice B), que foi executada pelo professor regente e pelo professor da disciplina de Artes. Nesse processo pedagógico, foram trabalhados os seguintes elementos: Pluralidade Cultural; Discriminação e preconceito; História, cultura, músicas indígenas; Valores éticos; Identidade e autonomia e Interações sociais, com o objetivo de fortalecer o desenvolvimento integral das crianças.

Para isso, na 1ª etapa foi apresentado um vídeo de historinha sobre os “Nossos índios”, em uma roda de conversa, que estimulou as manifestações das crianças sobre o enredo da história, como os índios viviam, comiam, moravam, caçavam, se alimentavam e vestiam.

Na 2ª etapa foram exibidos vídeos com danças e músicas indígenas e foi pedido que as crianças dançassem, observassem os instrumentos (tambores, flautas, chocalho e outros) e as vestimentas. Na sequência, as crianças construíram objetos tais como, instrumentos musicais indígenas, como também adornos, cocares e vestimentas, usando EVA e TNT, garrafas pet e sementes. Finalmente, as crianças reproduziram o ritmo, com os instrumentos, adornos e vestimentas por elas confeccionados.

Na 3ª etapa, os professores apresentaram slides (power point) que continham diferentes tipos de objetos artesanais indígenas (cestos, colares, esculturas, pinturas corporais e adornos), destacando suas características como: cores, tamanhos, formas. Foram explicadas suas utilidades e, em seguida, solicitaram que as crianças desenhassem em folhas de papel A4, os objetos que conheceram.

Na 4ª etapa, os alunos utilizaram a argila para modelar alguns instrumentos musicais, de caça, adornos, moradia, vestimentas e objetos dos índios. Os professores realizaram intervenções chamando a atenção sobre a valorização dessa cultura, como formadora da sociedade, impulsionando as interações entre os alunos, e estimulando o trabalho coletivo.

Para divulgar os trabalhos na comunidade escolar, foi realizada uma mostra cultural dos objetos indígenas confeccionados pelas crianças. As outras turmas da Educação Infantil foram convidadas a participar, para que o conhecimento fosse socializado e as crianças que participaram diretamente do processo pedagógico se sentissem valorizadas.

3.5 MÉTODO DE ANÁLISE DE DADOS

Os resultados da pesquisa de campo foram analisados à luz do referencial teórico descrito pela pesquisa bibliográfica, buscando atender aos objetivos e às indagações que moveram o estudo. Nesse sentido, foram realizadas análises dos dados, resultantes da entrevista ao grupo focal, formado pelos professores, os quais foram relacionados aos dados encontrados nas observações dos sujeitos da pesquisa.

Por fim, os resultados encontrados foram discriminados por meio de quadros e as observações por meio de relatórios, os quais foram discutidos à luz do

referencial teórico, buscando alcançar as respostas para as inquietações propostas na pesquisa.

4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

As duas técnicas de investigação forneceram dados relevantes para construção desta análise. Assim serão discutidas separadamente, para, no final, construirmos a análise, estabelecendo um entrelaçamento entre os dados produzidos nos dois momentos (nossas observações) e nas discussões do grupo focal, em diálogo com os teóricos que fundamentaram a pesquisa.

4.1 OBSERVAÇÕES

As observações foram realizadas na turma do 2º Período da Pré-escola durante o desenvolvimento das intervenções apresentadas, constituídas em forma da Sequência didática intitulada: “Modelando a cultura dos índios, revelando nossa história”, onde foram trabalhos.

Nessas atividades, as crianças puderam conhecer diversos aspectos da cultura indígena, tais como seus hábitos alimentares, moradia, atividade de caça e pesca, suas danças, músicas, instrumentos musicais (tambores, flautas, chocalho e outros), vestimentas, artesanatos (cestos, colares, esculturas, pinturas corporais e adornos).

No roteiro de observação, definimos alguns parâmetros indicadores de aprendizagem colaborativa, que foram analisados a partir da estratégia pedagógica utilizada e encontram-se sintetizados nos quadros que se seguem. Essa síntese permite uma visão global dos resultados obtidos e facilita a compreensão e a discussão.

Na primeira etapa da Sequência didática, foi apresentado às crianças, um vídeo sobre a História dos índios, no qual as crianças observaram onde viviam, como comiam, se vestiam e até o que caçavam para se alimentar. O Quadro 5 resume as expressões e comportamentos observados durante a referida atividade.

Quadro 5 – Comportamentos apresentados pelas crianças durante a apresentação do vídeo e slides sobre a vida indígena

PARÂMETROS INDICADORES DE APRENDIZAGEM ⁷	RESULTADOS
-Respeitar o outro, regras de convívio e a diversidade.	Ao visualizar os vídeos, foto, danças e ouvirem as músicas logo associaram aos conhecimentos já obtidos e puderam argumentar, relatar, contar e recontar fatos que já haviam aprendido. Compreenderam que a cultura indígena faz parte da diversidade cultural, logo reconheceram o som do chocalho e expressaram o conhecimento sobre o objeto.
-Expressar ideias, desejos e sentimentos.	
-Argumentar e relatar fatos oralmente.	
-Ouvir, compreender, contar, recontar e criar narrativas.	
-Expressar sentimentos, emoções e solidariedade.	

Fonte: Elaborado pela autora (2019)

Os parâmetros foram criados com base nos preceitos estabelecidos pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Assim, foram definidos os seguintes parâmetros como indicadores do desenvolvimento infantil, como pontos de análise: a) respeito às regras de convívio; b) expressão de ideias; c) argumentação e d) expressão de sentimentos. De um modo geral, os alunos participaram ativamente das ações propostas, depois de apresentados os vídeos, fotos e danças indígenas. Com facilidade, associaram o conhecimento obtido a sua realidade, ao contar fatos e história que ouviram e vivenciaram fora da escola. Uma das crianças destacou que considera os índios: “[...] muito fortes, pois vivem na floresta, caçam bichos para comer e pescavam peixes”, outra criança acrescentou que: “ouvi muitas histórias dos índios, eles moravam na floresta, antes da gente”.

Na 2ª etapa, as crianças tiveram a oportunidade de observar, e construir, instrumentos musicais e vestimentas, como também reproduzir os ritmos e danças indígenas. Ao ouvirem uma música ou perceberem um instrumento indígena, relatavam com rapidez que pertenciam aos índios, demonstrando que compreenderam que a cultura indígena faz parte da diversidade cultural, justamente como propõem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, quando determina que a escola deve proporcionar situações didáticas, nas quais as

⁷ Esses parâmetros foram definidos com base nas diretrizes estabelecidas para a Educação Infantil.

crianças possam conhecer suas raízes indígenas, para respeitar diferenças sociais (BRASIL, 2010).

No transcurso das atividades de confecção de instrumentos musicais, apresentação, exercícios de danças e desenho de artesanatos indígenas foram observadas diversas formas de participação que indicavam desenvolvimento em sua aprendizagem, as quais estão sistematizados no Quadro 6.

Quadro 6 – Comportamentos apresentados pelas crianças a partir da dança e desenho de artesanatos indígenas

PARÂMETROS INDICADORES DE APRENDIZAGEM	RESULTADOS
-Utilizar o corpo nas interações sociais (com criatividade, controle e adequação).	- Os alunos produziram chocalhos com materiais recicláveis, utilizando garrafinhas pet e feijão, vez que já sabiam que o som e o instrumento eram utilizados pelos indígenas em suas danças e cerimônias, confeccionaram também vestimentas indígenas, a partir do TNT e EVA.
-Coordenar suas habilidades manuais.	
-Perceber a música como forma de expressão individual ou em grupo, discriminando os vários tipos de sons e ritmos.	
	- Ao propor a dança como a do vídeo, interagiram um com o outro, fazendo o som do chocalho confeccionado por eles, dançaram em roda.

Fonte: Elaborado pela autora (2019)

Considerando os parâmetros definidos como: utilização do corpo nas interações sociais, coordenação das habilidades manuais e percepção da música como forma de expressão individual ou coletiva, as crianças apresentaram as seguintes respostas comportamentais: a) confeccionaram instrumentos musicais indígenas utilizando materiais recicláveis, como chocalho, com garrafa pet e sementes de feijão; b) souberam associar o som com cada instrumento e os identificavam como os da cultura indígena, o que também aconteceu com a confecção de vestimentas, pois perceberam que o cocar era usado como adorno da cabeça e começaram a usá-lo.

Nesse momento de interação, as crianças demonstraram surpresa, ao perceberem que os chocalhos reproduziam som e ritmos, além de alegria em saber que eles mesmos haviam produzidos os instrumentos e as vestimentas, o que

contribuiu para aumentar o entusiasmo em conhecer e participar da dança indígena, revelando a sensação de pertencimento ao grupo e à cultura. A Figura 3 ilustra o momento dessa atividade.

Figura 3 – Crianças reproduzindo a cultura indígena com dança, vestimenta, instrumento musicais e adornos



Fonte: Elaborado pela autora (2019)

O trabalho com a ludicidade na educação infantil facilita o processo de aprendizagem, justamente como aconteceu com a confecção de instrumentos musicais, adornos e vestimentas indígenas. Para Bacelar (2009), a ludicidade provoca o conhecimento, pela interação com objetos ou pessoas e Luckesi (2007), acrescenta, defendendo que esse recurso possibilita o estado de consciência desenvolvida, por conteúdos inconscientes relacionados a experiências.

Ao participarem da dança com músicas indígenas, como ilustra a Figura 3, reproduziam os ritmos assistidos nos vídeos. Tomaram a iniciativa de pegar o chocalho construído por eles próprios, sem nenhuma intervenção da professora. Nessa atividade de dança, manifestação artística e lúdica da cultura indígena, foi possível observar a interação entre o grupo, o que demonstra o reconhecimento da cultura indígena. Segundo Chiesa (2004), a linguagem artística e lúdica como estratégia de aprendizagem facilita a comunicação entre as crianças, troca de experiência, interação, socialização, autonomia e sensação de pertencimento a um grupo ou sociedade.

Na 3ª etapa da Sequência didática, os professores explanaram sobre a forma como os índios fabricaram suas peças artesanais, como eram elaborados os cestos, colares, esculturas, pinturas corporais e adornos. Feito isso, solicitaram que as crianças fizessem desenhos sobre a vida dos índios, os objetos que utilizavam ou

suas moradias. As crianças, no percurso da confecção de desenhos, utilizaram a grafia livre para expressão dos conhecimentos obtidos, algumas delas optaram por desenhar colares relacionando-os aos que costumavam ser usados pela mãe ou tia, remetendo à presença da cultura indígena no nosso cotidiano. Enquanto outras desenharam o que chamavam de “casa dos índios”, as ocas, seus desenhos retratavam índios alegres dançando, caçando e pescando.

Os desenhos realizados pelas crianças demonstram a compreensão de que adquiriram conhecimentos da cultura indígena e sua importância para toda a sociedade. Ao pintar um desenho, uma criança destacou que: “[...] meu pai gosta de pescar como os índios, para a gente também comer peixe”, já outra criança afirmou: “Professora, por isso tem o Dia do índio, ele é tão importante”. Relatos assim demonstram que as atividades despertaram a percepção sobre a importância dos povos indígenas, e que seus hábitos compõem nossas raízes culturais.

Na 4ª etapa as crianças modelaram, com argila, instrumentos musicais, de caça, adornos, moradia e vestimentas, após o quê, obtivemos os seguintes resultados (Quadro 7):

Quadro 7 – Modelagem dos instrumentos musicais, de caça, adornos, moradia, vestimentas e objetos dos índios

PARÂMETROS INDICADORES DE APRENDIZAGEM	RESULTADOS
<ul style="list-style-type: none"> - Expressar-se por meio das artes visuais, utilizando diferentes materiais; - Utilizar o corpo nas interações sociais (com criatividade, controle e adequação); - Coordenar suas habilidades manuais; - Relacionar-se com o outro empregando gestos, palavras, brincadeiras, jogos, imitações, observações e expressão corporal. 	<ul style="list-style-type: none"> - Na construção da modelagem com argila, demonstraram o que aprenderam e o que já tinham conhecimento, modelaram com a argila moradias, colares, chocalhos, arco e flecha, painéis, tambores, lanças e cocares; - Confeccionaram, também, desenhos dos objetos indígenas como: colares, cocar, moradia, armas, etc.

Fonte: Elaborado pela autora (2019)

Tem em vista os parâmetros de indicadores de aprendizagem apresentados no quadro 7, as crianças demonstraram seus conhecimentos, pois, livremente, escolheram modelar moradias, colares, chocalhos, arco e flecha, painéis, tambores, lanças e cocares, utilizando as mãos e interagindo com os colegas, dando ideias, participando e até questionando sobre suas escolhas e obras. Para Mendes (2016),

através da modelagem, em argila, de objetos que fazem parte da cultura indígena, a criança observa as manifestações artísticas e culturais, refletem sobre a cultura indígena presente no seu cotidiano, o que desperta nelas, valores sociais e respeito às diferenças.

Com a modelagem com argila, a aprendizagem aconteceu tendo como pressuposto a ludicidade, interação, contextualização e o sentido dos conhecimentos adquiridos. Enquanto as crianças modelavam, era possível identificar o brilho no olhar em participar desses momentos lúdicos e por conhecer, ainda mais, a cultura indígena. Como defende Vygotsky (2010), ao associar o desenvolvimento da criança a fatores psicológicos, sua história e organização social, movimentam-se as relações sociais, vez que a crianças aprendem pela convivência com as outras pessoas.

Como produto final, realizamos uma mostra dos objetos indígenas construídos por meio da modelagem, para que outras turmas da Educação Infantil pudessem ter acesso à cultura material, o que favoreceu aos participantes das oficinas explicarem cada objeto e, assim, praticarem a socialização com seus pares, como forma de valorizar a diversidade. O Quadro 8 sintetiza os resultados desta atividade.

Quadro 8 – Objetos indígenas construídos com a modelagem

PARÂMETROS INDICADORES DE APRENDIZAGEM	RESULTADOS
<ul style="list-style-type: none"> - Expressar-se por meio das artes visuais, utilizando diferentes materiais; - Relacionar-se com o outro empregando gestos, palavras, brincadeiras, jogos, imitações, observações e expressão corporal. 	<ul style="list-style-type: none"> - Ao visualizarem os objetos modelados com argila os alunos das outras turmas também conseguiram identificar alguns objetos e interagiram perguntando o que não conseguiam identificar.

Fonte: Elaborado pela autora (2019)

A mostra de materiais indígenas, confeccionados através da modelagem com argila pelas crianças, trouxe a oportunidade de compartilhar, com outras turmas da Educação Infantil, o conhecimento construído. As crianças que assistiram à mostra identificavam alguns objetos e interagem, perguntando quando não conseguiam identificá-los. As crianças da turma pesquisada responderam às perguntas,

demonstrando domínio e felicidade em participar da atividade. Comportamentos assim confirmam o que afirma Oliveira (2008), ao destacar que a modelagem se configura uma proposta pedagógica voltada para a infância, ao possibilitar o desenvolvimento humano, onde o sujeito é capaz de refletir cognitivamente e socialmente pelo ensino de artes e experiência estética, pois nessa concepção a criança é levada a conhecer sem preconceitos, instigando a imaginação pelo novo.

A Figura 4 apresenta parte da exposição dos objetos construídos pela modelagem com argila pelas crianças, atividade de expressão artística, a qual está presente na sociedade moderna, como manifestação de objetos, de decoração ou de utensílios domésticos.

Figura 4 – Exposição de materiais indígenas confeccionados pelas crianças



Fonte: Elaborado pela autora (2019)

O contexto observado na Figura 4 está em consonância com as afirmações de Gaio (2015), ao demonstrar que o ensino da Artes na educação infantil auxilia no desenvolvimento integral da criança, pelo incentivo à imaginação, sensibilidade, movimentos, gestos, criatividade, socialização, em torno de situação lúdicas, onde a criança passa a perceber-se como parte do mundo e agente transformador.

Dessa forma, os objetivos previstos na sequência didática foram alcançados, pela oportunidade ofertada às crianças de conhecer e reconhecer características, danças, alimentos e objetos que fazem parte da cultura indígena, facilitando pelas formas de expressão artísticas a interação com seus pares, que levam a releituras, debates, comentários, discussões sobre as produções manuais, além da sensação de valorização da cultura indígena.

4.2 GRUPO FOCAL

A técnica do grupo focal foi utilizada com o objetivo de colher informações sobre o aprendizado das crianças, com base nas percepções dos professores sobre a utilização da modelagem de objetos indígenas com argila, no ensino de Artes. Os dados irão complementar as conclusões extraídas da observação das crianças, realizada durante a aplicação da Sequência didática.

Esse grupo contou com a participação de três professores das duas turmas do 2º Período que formam os sujeitos da pesquisa, ou seja, dois regentes de sala e um da disciplina de Artes. Foi realizada uma reunião, para a aplicação das perguntas direcionadas, para que os professores respondessem de forma espontânea sobre: a Artes enquanto disciplina que favorece a formação humana da criança; A modelagem como recurso didático lúdico que propicia o desenvolvimento da criança em fatores cognitivos, culturais, psicomotores e sociais; A utilização da modelagem de objetos indígenas pelos professores em suas aulas, favorecendo a valorização da cultura indígena; A importância de atividades que apresentam a história e cultura dos diversos grupos, que formam a sociedade brasileira.

A sessão do grupo focal trouxe os seguintes resultados: os professores acreditam que os conhecimentos de Artes são fundamentais e afirmam que vêm sendo utilizados na escola para favorecer a formação humana das crianças. A Professora “A” mencionou que:

“[...] a criança tem a oportunidade de expor os seus conhecimentos, adquiridos em casa, na escola, com isso pode aprimorar sua criatividade. Na escola a disciplina possibilita a aprendizagem prazerosa e trabalho em grupo, onde até o aluno que não consegue interagir, se solta e de uma ou outra forma conseguem expor o que aprenderam” (Professora A, 2019).

A Professora “B” considera que essas atividades “[...] ajudam a minimizar a timidez, estimular a criatividade e memorização, aprimora o trabalho em equipe e possibilidade do improviso, além de despertar o interesse por textos de autores variados”. Por sua vez, a Professora “C” acrescentou que as crianças já vêm de uma “cultura onde vivem com a disciplina, podem expor seus conhecimentos e cultura vivida, na escola aprendem em trabalhar em equipe e no individual com criatividade”.

As professoras foram unânimes em reconhecer a contribuição da disciplina de Artes para formação humana e que a escola tem trabalhado com essa proposta. Destacaram que o trabalho com artes possibilita a aprendizagem de forma prazerosa, estimulando a criatividade, a memorização e o interesse pela literatura, possibilitando o trabalho em equipe, pois diminui a timidez da criança, além de despertar o interesse pela partilha de conhecimentos trazidos de casa.

Essas opiniões se comprovaram nas observações em momentos de práticas das intervenções descritas no item anterior, ou seja, quando as crianças demonstraram respeito pelas regras de convívio, expressaram ideias e sentimentos, socializaram com seus pares no trabalho em grupo e associaram o conhecimento obtido a sua realidade, ao contar fatos e histórias que ouviram, e viveram, fora da escola. Essas conclusões também foram discutidas nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, ao garantirem que a disciplina de Artes deve partir da vivência e das experiências, para despertar o conhecimento pelos sentidos, utilizando, como recurso, a ludicidade, visando ao desenvolvimento integral da criança (BRASIL, 2010).

Ao serem questionados sobre a utilização da modelagem, como recurso didático lúdico e se este recurso propicia o desenvolvimento da criança, nos aspectos cognitivos, culturais, psicomotores e sociais, todos os professores afirmaram que utilizam essa estratégia, em suas práticas pedagógicas e acreditam que favorecem a formação da criança, nos aspectos citados. Para a professora “A” ao trabalhar modelagem:

“[...] tenho a possibilidade de observar a criatividade de cada aluno, onde eles se expressam com sentimentos e saberes já adquiridos e praticam a coordenação motora fina, estimulando suas habilidades e conhecimentos” (Professora A, 2019).

Em relação à utilização da modelagem como recurso pedagógico que auxilia no desenvolvimento da criança, a professora “B” afirmou que: “[...] fornece a crianças, a oportunidade de explorar sua criatividade e estimular habilidades sensoriais, auxilia de forma potencial no desenvolvimento, pela capacidade de pegar corretamente os objetos e controle da força da mão”. A professora “C” concordou com as demais professoras e adicionou que: “[...] favorece a coordenação motora fina, criatividade e proporciona, as crianças um momento prazeroso, isso com o direcionamento da professora”.

Em relação à modelagem como estratégica lúdica, que propicia o desenvolvimento da criança, os professores elencaram os seguintes aspectos: estimula a criatividade, a expressão de sentimentos, saberes, habilidades sensoriais, coordenação motora fina, habilidades e contribui para a formação da criança, e isso se dá pelo caráter lúdico que confere prazer ao ato de aprender. Essas manifestações encontram respaldo teórico em Villa (2013), para quem a modelagem é uma linguagem artística lúdica, que propicia o despertar dos sentidos do corpo do indivíduo e Giannotti (2008), ao mencionar essa estratégia lúdica como propulsora do desenvolvimento motor, criativo e emocional da criança.

A utilização da modelagem de objetos indígenas como estratégia pedagógica foi mais um tema discutido no grupo focal, tendo como parâmetro as seguintes questões: a primeira, se o professor havia utilizado, anteriormente, a modelagem de objetos indígenas, em suas aulas. A partir desta proposição, duas professoras relataram que não haviam trabalhado a cultura indígena com a modelagem, mas com outras propostas didáticas que não remetem à ludicidade. Uma professora afirmou ter trabalhado, porém com massinha de modelar.

A afirmação de uma das professoras sobre a utilização da massinha de modelar no trabalho pedagógico com objetos indígenas permite constatar que a escola tem utilizado esses recursos, em várias propostas pedagógicas, inclusive no que se refere à cultura indígena. Essas massinhas de modelar parecem ser recursos de fácil acesso para o professor, já que são adquiridas no comércio, junto a outros materiais didáticos fundamentais, o que se torna uma vantagem. Porém, no que se refere à exploração de saberes relacionados à valorização da cultura indígena, o uso da massinha de modelar traz desvantagens, pois os índios usavam materiais naturais, como a argila, para confecção de seus utensílios. A utilização da argila revela o lado ecológico da prática pedagógica, por sua característica abiótica, representante da natureza. A utilização de outro recurso que não seja a argila compromete o processo de reprodução da realidade indígena na íntegra, para assimilação de conceitos relacionados a sua cultura e sua relação com o meio ambiente, que também remete ao despertar da conscientização ambiental da criança.

Interessou-nos conhecer as opiniões dos professores sobre a modelagem de argila para a criação de objetos indígenas, ou seja, se consideram que tais práticas favorecem a valorização da cultura desses povos. Todos afirmaram que sim. A

professora “A” enfatizou que ao criar os “objetos, as crianças podem demonstrar no concreto o seu conhecimento, na modelagem mostram o respeito a cultura, através dos mínimos detalhes, as crianças são detalhistas e realmente aprendem o que lhes foi ensinado”.

Quanto ao aspecto relacionado à valorização da cultura e respeito as diferenças, a professora “B” destacou que permite o respeito às diferenças, “pois as crianças conhecem na prática, os objetos indígenas, para que servem e como é feito. Sendo assim, conhecem melhor e respeitam a cultura deles que também é a nossa”. O professor “C” concordou ao opinar que quando “mostramos aos alunos a cultura indígena, suas tradições e costumes, fazemos com que eles aprendam a respeitar e valorizar a cultura indígena e suas diferenças”.

Baseados nas manifestações obtidas no grupo focal, é possível considerar que essa estratégia pedagógica propicia às crianças desenvolver valores como, o respeito à cultura indígena, pois passam a conhecer suas características, tradições, costumes e objetos por meio de uma vivência lúdica. O conhecimento conduz à valorização da riqueza cultural dos indígenas, a qual contribui para minimizar o processo de “desindianização” descrito por Darcy Ribeiro (1995), que revelou as diversas faces do processo de despovoação provocado pelas pestes antes inexistentes no Brasil, trazidas pelos europeus, o desgaste provocado pelo trabalho escravo e pelas guerras internas ocorridas nas capitânicas. Além dessas perdas em seu montante demográfico, é preciso ressaltar que a “desindianização” também ocorre quando a sociedade esquece e ignora a cultura desse povo, primeiros donos das terras brasileiras, e desconsidera que os invasores, até os dias atuais, seguem dominando e desprezando a população indígena.

Nas observações realizadas a partir do trabalho com as crianças, no momento em que utilizavam a modelagem em argila para reproduzir objetos indígenas, foi possível vivenciar o que as professoras relataram, pois, ao conhecer melhor a cultura indígena, de forma lúdica, as crianças falavam com respeito ao índio, enquanto parte da nossa vida, cultura e sociedade. Na atualidade, os índios continuam sendo tratados como um povo inferior, seu modo de vida e cultura são desvalorizados. Por isso, observar as crianças alegres relatando, desenhando e modelando situações do cotidiano da cultura indígena nos traz a esperança que essa realidade possa mudar, através da educação.

Para finalizar, no grupo focal, os professores concordaram que propor atividades que apresentem a história e a cultura dos diversos grupos que formam a sociedade humana é importante. Para professora “A”: Os alunos precisam ampliar seus conhecimentos e saber de onde vieram suas raízes históricas e as diversidades culturais que existem”. A professora “B” justificou que: “É direito da criança conhecer sua história e cultura de diversos grupos na sociedade. Porque conhecer é fundamental para respeitar. Por sua vez, a Professora “C” acrescentou que: “[...] demonstra empatia pelos outros, percebendo que as pessoas têm diferentes sentimentos, necessidades e modos de pensar e agir, o que faz parte dos objetivos de aprendizagem e desenvolvimento da criança.

Os professores consideram que é preciso inserir, no trabalho pedagógico, intervenções que estimulem reflexões sobre a história e cultura, dos diversos grupos que formaram a sociedade, justificando que é direito dos alunos conhecer suas raízes históricas e a diversidade cultural que configura nossa população. Cada um tem seu jeito de pensar, sentir e agir, pois só por meio de práticas pedagógicas criativas assim as crianças saberão respeitar e valorizar a diversidade existente no país. Poderão, também, reduzir o preconceito e a discriminação. Nesse sentido, seguem as orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, ao destacarem a obrigação da escola, de desenvolver atividades que abordem os aspectos históricos, culturais dos povos que compõem o Brasil (BRASIL, 2010).

Portanto, com as questões propostas para análise no grupo focal, foi possível concluir que a modelagem com argila, como recurso didático, possibilita o desenvolvimento das crianças nas dimensões sociais, cognitivas, psicomotoras e culturais. Essa estratégia pode ser utilizada para trabalhar a cultura indígena, embora apenas uma professora afirma ter trabalhado a modelagem, mas utilizando a massinha de modelar como recurso. Contudo, as três professoras apontaram a importância de a escola trazer a proposta pedagógica com a modelagem de objetos indígenas, pois consideram ser esta uma forma de favorecer a valorização dessa cultura e trabalhar valores humanos, como respeito as diferenças, minimizar o preconceito e a discriminação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desse estudo permitiu compreender como as ferramentas lúdicas, como a modelagem de objetos da cultura indígena, potencializam o ensino de Artes na Educação Infantil, valorizando esta cultura. Nosso parâmetro para esta constatação foi a realização da pesquisa de campo com alunos e professores de duas turmas do 2º Período, de uma escola de Educação Infantil do Município de Presidente Kennedy.

A conclusão da pesquisa trouxe novas percepções em torno da Educação Infantil e do ensino de Artes, pois na minha trajetória profissional, considerava que o papel desta modalidade na vida de uma criança era apenas o brincar, em um espaço onde o conhecimento era apresentado pela brincadeira, com direcionamento, mas sem preocupação pedagógica sobre a evolução da criança, de forma espontânea.

Ao estudar a BNCC e as DCNEI, houve uma mudança no nosso olhar ao notarmos que todo o ensino e aprendizagem nessa faixa etária, decorre de eixos para o desenvolvimento da aprendizagem em todos os aspectos, nos quais o brincar e a ludicidade são apenas estratégias metodológicas para alcançar os objetivos, habilidades e competências.

Os trabalhos pedagógicos envolvidos na disciplina de Artes, onde foram abordados elementos e conteúdos como história, argilo-minerais para produção de objetos próprios da cultura do povo indígena, permitiram-nos desenvolver uma nova forma de explorar os saberes com um viés lúdico, ao inserirmos a dança, a confecção de vestimentas e adornos. Verificamos os avanços que as crianças apresentam em diferentes aspectos da formação humana, tais como conviver em grupo, partilhar os saberes aprendidos, criatividade, sensibilidade para com os diferentes, entre outros não menos importantes. Assim, trata-se de uma proposta que favorece a construção de um novo mundo, pelo encantamento e imaginação.

Durante a realização da pesquisa, algumas dificuldades foram encontradas, como de pesquisas científicas que trabalham a cultura indígena no Brasil e no Estado do Espírito Santo, além disso, houve resistência dos professores das turmas que fizeram parte da pesquisa, na aplicação da Sequência Didática. Porém, com o apoio da equipe gestora, em dialogar com os professores, sobre a importância da pesquisa para o Município, ao servir de parâmetro para o processo educacional, no

que se refere ao ensino de Artes na Educação Infantil e a modelagem como estratégia lúdica para valorização da cultura indígena, a proposta foi aplicada pelos professores com entusiasmo por participar da intervenção.

A reflexão sobre o aporte teórico serve de motivação para pesquisa, ao ajudar a destacar a importância da disciplina de Artes para criança, visto contribuir para o desenvolvimento da expressão, da visão poética, criatividade e sensibilidade. Com a ludicidade pode-se incentivar a criança a se expressar e a perceber o mundo, experimentando os sentimentos de ternura, simpatia e empatia.

O desenrolar da pesquisa impulsionou uma vontade de mudança, uma vez que os índios brasileiros e capixabas ainda lutam pelo reconhecimento do seu espaço e cultura, contra a invisibilidade indígena existente nesse país. A esperança origina da percepção de que existem modelos educacionais apropriados para a fase da infância que possibilitem práticas intervencionistas, onde as crianças compreendam os aspectos sociais da diversidade presente na sociedade, conhecendo características e o modo de vida da cultura indígena, para respeitá-la e valorizar.

Os resultados apontados pela pesquisa levam a concluir que o ensino de Artes na educação infantil auxilia no desenvolvimento integral da criança, por desenvolver-lhe a imaginação, a sensibilidade, os movimentos e gestos, a criatividade, a socialização. E tudo isso em torno de situação lúdicas, que possibilitaram a expressão artística e a interação com seus pares, levando os alunos a realizar releituras, debates, comentários, discussões sobre as produções manuais. Nesse sentido, as crianças passaram a perceber o mundo como parte de si, podendo até, quem sabe, se tornarem futuros agentes transformadores, culminando na sensação de pertencimento e valorização da cultura indígena.

Em meio aos debates foi possível notar que os professores entendem a necessidade de desenvolver intervenções didáticas sobre a história e cultura dos povos que compõem a sociedade, por entender que esse é um direito da criança e só conhecendo suas raízes históricas poderão respeitar e valorizar a diversidade cultural.

Porém, o ensino de Artes na escola ainda apresenta fragilidades, como a falta de um trabalho pedagógico mais efetivo em relação à cultura indígena, pois se constata um trabalho pedagógico superficial, na qual, apenas são passadas as

informações, sem utilização de uma proposta lúdica que contribua para o desenvolvimento da criança.

Contudo, a realização da pesquisa pode contribuir para que outras instituições de ensino, independentemente de sua realidade, possam repensar sua prática pedagógica, no que tange ao ensino de Artes na Educação Infantil, que tem como papel trabalhar conhecimentos voltados aos povos que formam nossa sociedade, através das manifestações artísticas e ludicidade. O fato é que somente pelo conhecimento teremos uma sociedade mais igualitária e democrática, que respeita a diversidade que constitui nossa população.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. A atuação dos indígenas na História do Brasil: revisões historiográficas. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 37, n.75, maio/ago. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882017000200017>. Acesso em: 08 mar. 2020.

ARANTES, Adriana Rocha Vilela. BARBOSA, Jéssica Thaynara da Silva. O lúdico na educação infantil. **Revista Magistro de Filosofia** [online], Anápolis, ano X, n. 21, 1. semestre 2017.

ARRUDA, Fabiane Santiago de. **O lúdico enquanto artefato da prática pedagógica dos professores do Centro de Educação Infantil Carmelina Rios**. 2016. 95 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão social, Educação e Desenvolvimento Regional) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus–ES, 2016. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3895305>. Acesso em: 26 ago. 2019.

BACELAR, Vera Lúcia da Encarnação. **Ludicidade e educação infantil**. Salvador: EDUFBA, 2009.

BENTO, Cláudio Moreira. **Os índios Puris do Vale do Paraíba paulista e fluminense**. In: XII SIMPÓSIO DE HISTÓRIA DO VALE DO PARAÍBA, 1995. Disponível em: <www.ahimtb.org.br/OS%20INDIOS%20PURIS%20DO%20VALE%20DA%20PARAIBA%20PAULISTA%20E%20FLUMINIENSE.pdf>. Acesso em: 01 mai. 2020.

BONATTO, Andréia; BARROS, Caroline Ramos; GEMELI, Rafael Agnoletto; LOPES, Tatiana Bica; FRISON, Marli Dallagnol. Interdisciplinaridade no ambiente escolar. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, **Anais...** Curitiba-PR, v. 9, pp. 1-12, 2012. Disponível em: <www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2414/501>. Acesso em: 10 jan. 2020.

BOURGUIGNON, Leonardo Nascimento. **De Muribeca a Guarapirim: retalhos da história do litoral sul do Espírito Santo**. Vila Velha: Opção, 2018.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, 5 out. 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em: 01 jun. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília-DF, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília-DF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília: Secretária de Educação Básica, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Curricular Nacional Comum-BNCC**, Brasília-DF, 2015. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>>. Acesso em: 26 ago. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio**. Brasília-DF, 1999.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. **Diário Oficial da União**, 11 mar. 2008, Brasília-DF, 2008.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE. **Censo 2010**. Disponível em: <www.censo.ibge.gov.br>. Acesso em: 06 fev. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Nacionais de qualidade para a Educação Infantil**, Brasília-DF, 2006.

CÂMARA, Rosângela Silva Neto. **O lúdico no currículo da educação infantil: debates e proposições contemporâneos**. 2012. 68 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Teologia). Escola superior de Teologia, São Leopoldo. 2013. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=99404>. Acesso em: 01 set. 2019.

COLETO, Daniela Cristina. A importância da arte para a formação da criança. **Revista Conteúdo**, Capivari, v.1, n.3, jan./jul. 2010. Disponível em: <<http://www.conteudo.org.br/index.php/conteudo/article/viewFile/35/34>>. Acesso em: 26 ago. 2019.

COLL, César. **O construtivismo na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1998.

CHIESA, Regina Fiorezzi. **O diálogo com o barro: o encontro com o criativo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

DALLABONA, Sandra Regina; MENDES, Sueli Maria Schimit. O lúdico na educação infantil: jogar, brincar, uma forma de educar. **Revista de divulgação técnico-científica do ICPG**, Blumenau, v. 1, n. 4, pp. 107-112, 2004.

DIEHL, Viviane. Educação do sensível em artes visuais: modelando o barro e (re)significando o corpo. In: ANPAP, **Anais...Florianópolis**, n. 17, ago. 2008. Disponível em: <<http://www.anpap.org.br/anais/2008/artigos/137.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2018.

FERNANDES, L. A; GOMES, J. M. M. Relatórios de pesquisa nas ciências sociais: características e modalidades de investigação. **Contexto**, Porto Alegre, v. 3, n. 4, 1. semestre 2003. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/ConTexto/article/view/11638/6840>>. Acesso em: 20 maio 2018.

FRIEDMANN, Adriana. **O brincar na educação infantil**: observação, adequação e inclusão. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2012.

FILHO, João Baptista. A utilização de substâncias minerais pelos povos indígenas. Breves Comentários. **Anuário do Instituto de Geociências-UFRJ**, Rio de Janeiro, v. 22, 1999. Disponível em: <<http://www.ppegeo.igc.usp.br/index.php/anigeo/article/view/1784>>. Acesso em: 20 fev. 2020.

GAIO, Rosilene Maria da Silva. **Um olhar sobre educação infantil**: e a Arte onde está? E o corpo como está? 2015. 144 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Processos Socioeducativos e Práticas Escolares, Universidade Federal de São João del-Rei, Minas Gerais, 2015. Disponível em: <<https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/mestradoeducacao/Dissertacao%20Rosilene%20Maria%20da%20Silva%20Gaio.pdf>>. Acesso em: 26 ago. 2019.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília-DF: Líber Livro, 2012.

GIANNOTTI, Sirlene. **Dar forma é forma-se**: processo criativos da arte para a infância. 2008. 235 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação de São Paulo, 2008. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-26012009-41434/publico/DissertacaoSirleneGiannotti.pdf>>. Acesso em: 1 jun. 2018.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: <https://professores.faccat.br/moodle/pluginfile.php/13410/mod_resource/content/1/como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf>. Acesso em: 20 maio 2018.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2019.

KISHIMOTO, Tizuco Morchida. Brinquedos e brincadeiras na educação infantil. In: I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – PERSPECTIVAS ATUAIS. **Anais...**Belo Horizonte, nov. 2010. Disponível em: <[file:///C:/Users/Sony/Downloads/2.3_brinquedos_brincadeiras_tizuko_morchida%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Sony/Downloads/2.3_brinquedos_brincadeiras_tizuko_morchida%20(1).pdf)>. Acesso em: 01 jun. 2018.

LAVAQUI, Vanderlei; BATISTA, Irinéa de Lourdes. Interdisciplinaridade em ensino de Ciências e de Matemática no Ensino Médio. **Ciência & Educação**, Bauru, pp. 399-420, v. 13, n. 3, 2007. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=251019507009>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

LEMOS, Denise Castanha de Avila; ZAMPERETTI, Maristani Polidori. **Modelagem com argila para crianças**: um estudo de caso. Trabalho de Artes Visuais na Educação, UFPel, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/Arte/article/download>>. Acesso em: 01 nov. 2019.

LOPES, B. E. M. Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas. **Revista Educação e Políticas em Debate**, Uberlândia, v. 3, n. 2, pp. 482-492, ago./dez. 2014.

LUCKESI, Cipriano. Ludicidade e desenvolvimento humano. In: MAHEU, Cristina d'Ávila (Org.). **Educação e Ludicidade**: ensaios 4, Salvador, Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Gepel, 2007.

LUCKESI, Cipriano. Ludicidade e atividades lúdicas: uma abordagem a partir da experiência interna. In: PORTO, Bernadete de Souza (Org.). **Ludicidade**: o que é mesmo isso? Salvador, Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Gepel, 2002.

MACHADO, Denise Lenise. Financiamento da educação - FUNDEB: uma análise sobre os investimentos na educação. In: EDUCERE XIII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. **Anais...Santa Maria-RS**, 2017. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf/2017/23762_12134.pdf>. Acesso em: 05 maio 2020.

MENDES, Nelci Bento Garcia. Modelagem em argila com estudantes do nono ano do ensino fundamental: valorizando a cultura indígena. In: **Os desafios da escola paranaense na perspectiva do professor PDE – Produções Didático-Pedagógicas**, [online], v. II, Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE, Governo do Estado do Paraná, 2016. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_arte_uel_nelcibentogarcia.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2019.

MELO, Rosemary Alves de. **Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo... As artes visuais em instituições de educação infantil em Campina Grande-PB**. 2005. 156 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Linguagem e Cultura; Políticas Sociais) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2005. Disponível em: <<http://tede.bc.uepb.edu.br/tede/jspui/handle/tede/2073>>. Acesso em: 02 nov. 2019.

MOREIRA, Vânia Maria Losada. Espírito Santo indígena: conquista, trabalho, territorialidade e autogoverno dos índios, 1798-1860. **Coleção Canaã**, v. 25, Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2010. Disponível em: <https://ape.es.gov.br/Media/ape/PDF/Espirito_Santo_Indigena_completo_site.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2020.

NICOLE, Braz Campos. As paneleiras de Goiabeiras e a arte de fazer panela de barro ensaio etnográfico sobre a cultura do barro. **Revista Simbiótica**, Vitória, Universidade Federal do Espírito Santo, n. 1, jun. 2012.

OLIVEIRA, Alessandra Mara Rotta de. **Escultura e imaginação infantil**: um mar de história sem fim. 2008. 77 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2008. Disponível em: <<http://www.grupodec.net.br/wp-content/uploads/2015/10/tese-escultura.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2018.

PELLON, Luiz Henrique C.; VARGAS, Liliana A. Cultura, interculturalidade e processo saúde-doença: (des)caminhos na atenção à saúde dos Guarani Mbyá de Aracruz, Espírito Santo. **Physis**, [online], v. 20, n. 4, pp. 1377-1397, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73312010000400017&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 08 mar. 2020.

POLO, Aparecida Tamiris; PEDRAÇA, Dulce Guimarães. A importância da educação infantil para o desenvolvimento pleno da criança. In: 15º CONGRESSO NACIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, CONIC/SEMESP, **Anais...**Ribeirão Preto-SP, 27-28 nov. 2015. Disponível em: <<http://conic-semesp.org.br/anais/files/2015/trabalho-1000021105.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2019.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. [E-book], 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <<http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>>. Acesso em: 22 maio 2018.

POMNITZ, Naila Cohen. **O curso de pedagogia EAD a formação para atuação na educação infantil**: o olhar dos sujeitos no âmbito das práticas. 2015. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, UFSM. 2015. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2712157>. Acesso em: 22 ago. 2019.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. 5. ed. São Paulo: Cia das Letras. 1995.

ROCHA, Marisa Lopes da; AGUIAR, Kátia Faria de. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. **Psicologia Ciência e Profissão**, 2003, v. 23, n. 4, pp. 64-73. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp/v23n4/v23n4a10.pdf>>. Acesso em: 09 nov. 2019.

ROJAS, Jucimara; SERPE, Ellen Carolina Ott. Formação lúdica e interdisciplinar do professor de artes da infância: fios de reflexões em desafios pensantes. In: I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, SUBJETIVIDADES E EDUCAÇÃO – SIRSSSE. **Anais...**Paraná, 2011. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/6040_3685.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2020.

SABÓIA, Virgínia Moreira. **Educação em saúde**: a arte de talhar pedras. Niterói: Intertexto, 2003.

SALLAS, Ana Luisa Fayet. Narrativas e imagens dos viajantes alemães no Brasil do século XIX: a construção do imaginário sobre os povos indígenas, a história e a nação. **Hist. cienc. saude-Manguinhos** [online], v.17, n. 2, pp. 415-435. 2010. Disponível em: < https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702010000200009&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 01 jun. 2018.

SANTANA, Katiane Cardoso. MATA, Áurea Augusta Rodrigues da. A importância da educação infantil para o desenvolvimento do indivíduo. In: III CONEDU- CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **Anais...**Natal-RN, 5-7 out. 2016. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_MD1_SA17_ID2022_09062016000008.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2018.

SANTILIANO, Thiago Costa. **Os índios Goitacases e Puris que habitavam nossa região**. Geocosta, Mimoso do Sul-ES, 2014. Disponível em: <<https://geocostan.webnode.com.br/historia/historia/indios-que-habitavam-nossa-regiao/>>. Acesso em: 01 mai. 2019.

SANTOS, Joedson Brito dos. **O FUNDEB e a educação infantil no município de Itabuna**. 2012. 171 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2012. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufba.br:8080/ri/bitstream/ri/12356/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20Joedson%20Brito.pdf>>. Acesso em: 01 abr. 2020.

SILVA, Elias Januário; SELLERI, Fernando (Orgs.). **Cadernos de educação escolar indígena – PROESI**. Barra do Bugres-MT: UNEMAT, v. 6, n. 1, 2008.

SOUZA, Lilian Aparecida de Souza; ORTEGA, Lenise Maria Ribeiro Ortega. O lugar das interações sociais na educação infantil: contribuições da sociologia da infância e da psicologia histórico-cultural as pesquisas nesse campo. **Pedagogia em Ação**, Belo Horizonte, v. 8, n. 1, 2016.

VIANA, Simone Corassari. **A importância do brincar na educação infantil: eixo movimento**. 2015. 51 f. TCC (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015. Disponível em: <<http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/2015%20SIMONE%20CORASSARI%20VIANA.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2019.

VILLA, Denise Carla de. O corpo em contato com o barro: a educação do sensível no ensino das artes visuais. **Unoesc & Ciência** – ACHS, Joaçaba, v. 4, n. 1, p. 113-122, jan./jun. 2013. Disponível em: <<https://editora.unoesc.edu.br/index.php/achs/article/viewFile/2680/pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2018.

VYGOTSKY, Lev. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VYGOTSKY, Lev. S. Aprendizagem e desenvolvimento na idade escolar. In: VIGOSTKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A.N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 11. ed. São Paulo: Ícone, 2010.

APÊNDICE A – ROTEIRO GRUPO FOCAL: PROFESSORES

INSTITUTO VALE DO CRICARÉ FACULDADE VALE DO CRICARÉ MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIA, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO

1 - Local: Sala de Planejamento-EMEIEF Vilmo Ornelas Sarlo

Data: 09/03/2020 Horário: 8 horas

2 - Equipe: - Moderadora: pesquisadora

3 - Participantes: Os sujeitos da pesquisa são três professores, o dois regentes de sala e professor da disciplina de Artes das duas turmas do 2º Período da Pré-escola, pertencentes à Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Vilmo Ornelas Sarlo vinculada à Rede Municipal de Presidente Kennedy-ES.

4 - Objetivo: buscar informações sobre o aprendizado da criança, a partir da utilização da modelagem de objetos indígenas com argila, no ensino de Artes.

5 - Materiais necessários: mesa, cadeiras, celular para construção de vídeos e áudio e blocos de anotação.

6 - Roteiro de atividades:

- Estabelecer o *rapport* – apresentar o propósito e o formato da reunião para que os participantes saibam o que esperar das discussões e fiquem à vontade.
- Comentar sobre o anonimato;
- Cada participante tem 10 min para falar em cada rodada de perguntas e devem ser evitadas as falas paralelas;
- Esclarecer que opiniões divergentes são bem vindas;
- A entrevista ou discussão é informal e se espera a participação de todos com a máxima espontaneidade e naturalidade.

7 - Perguntas:

- a) Você acredita que a disciplina Artes auxilia na formação humana da criança?
- b) Considera que essa disciplina vem sendo trabalhada no sentido de favorecer a formação humana das crianças, nessa escola?
- c) Você utiliza a modelagem como recurso didático lúdico?
- d) Acredita que esse ensino propicia o desenvolvimento da criança nos aspectos cognitivos, culturais, psicomotores e sociais?
- e) Já utilizou em suas aulas a modelagem de objetos indígenas?
- f) Considera que a modelagem de objetos indígenas com argila favorece a valorização da cultura indígena e respeito as diferenças?
- g) Considera importante propor atividades que apresentam a história e a cultura dos diversos grupos que formam a sociedade humana? Por que?

APÊNDICE B – PRODUTO EDUCACIONAL

**INSTITUTO VALE DO CRICARÉ
FACULDADE VALE DO CRICARÉ
MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIA, TECNOLOGIA E
EDUCAÇÃO**

SORAIA JORDÃO SOUZA

**Modelando a cultura dos índios, revelando nossa história:
proposta de sequência didática para a educação infantil**

SÃO MATEUS/ES

2020

1 APRESENTAÇÃO

Este material é um recorte do meu trabalho de pesquisa desenvolvido durante os anos de 2018 a 2020. Ele se constitui em um Produto Educacional, no qual apresento uma sequência didática sobre a modelagem com argila, como estratégia de ensino voltada a cultura indígena, com a finalidade de propor conhecimentos voltados a sua história e cultura, possibilitando o respeito à diversidade cultural.

Esta sequência didática foi originada a partir da pesquisa realizada junto ao Programa de Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré-FVC, intitulado “Modelagem em Artes na Educação Infantil: a cultura indígena como estratégia lúdica de aprendizagem”, orientado pela professora Doutora Désirée Gonçalves Raggi.

As intervenções apontadas nessa proposta de Sequência Didática podem colaborar para os professores da educação infantil, pois os convidam a realizar estratégias lúdicas, como a modelagem, para se apropriar de conceitos voltados à valorização da cultura indígena e diversidade. Assim, espera-se que esses educadores possam compreender como tais ferramentas lúdicas, potencializam o ensino de Artes na Educação Infantil. Nessa perspectiva, são apontados caminhos para se trabalhar a diversidade cultural, pois a escola tem a função de buscar estratégias para reflexão sobre as culturas que compõem a sociedade, com a finalidade de diminuir o preconceito, a intolerância e a discriminação,

No ano de 2017, atuei como professora da disciplina de Artes no Ensino Fundamental e, em 2018, como professora da mesma disciplina, dessa vez, na educação infantil. Na busca de aperfeiçoamento, iniciei pesquisas sobre as metodologias que eu poderia aplicar nesse nível de ensino, pois se trata de um campo desafiador, algo que eu ainda não havia experimentado.

As reflexões e a vontade de pesquisar sobre o tema das Artes, como subsídio para aprendizagem de crianças na primeira fase da escolarização, surgiram quando observei que elas demonstram mais interesse com estratégias de ensino lúdicas, principalmente com a manipulação de objetos. As reflexões sobre os conteúdos das disciplinas do mestrado e as ações pedagógicas vivenciadas no cotidiano da sala de aula fortaleceram essa vontade de investigar e compreender o fenômeno em torno da utilização da modelagem como estratégia pedagógica, para valorização da cultura indígena.

A Sequência Didática foi elaborada para uma duração de uma semana de aulas, em duas turmas do 2º período da Pré-escola (Educação Infantil), com idades entre 4 e 5 anos, no turno vespertino da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Vilmo Ornelas Sarlo, vinculada à Rede Municipal de Presidente Kennedy-ES. A escolha desta escola decorreu da facilidade de acesso e como requisito para a concessão da bolsa de estudos, custeada pelo referido município. Porém, mesmo sendo uma sequência construída para aplicação em um grupo de alunos da Educação Infantil, as atividades propostas poderiam ser reelaboradas e aplicadas também no Ensino Fundamental.

Assim, esse produto educacional construído no formato de uma Sequência Didática busca entender ao ensino de Artes, com foco na ludicidade como estratégia de ensino na educação infantil, como também propõe a reflexão de conceitos voltados para a cultura indígena.

Iniciamos como o referencial teórico que apresenta brevemente as características, pressupostos e construção da Sequência Didática, características da educação infantil, princípios e ludicidade; a importância da disciplina de Artes para o desenvolvimento da criança na educação infantil e a modelagem com argila com estratégia de aprendizagem lúdica. E em seguida, apresentamos as atividades da sequência didática e seus objetivos, relacionados ao ensino de Artes, ludicidade, modelagem e cultura indígena.

2 ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS E CULTURA INDÍGENA PARA O ENSINO DE ARTES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Esse capítulo auxilia na abordagem de conceitos que fundamentam a construção da Sequência Didática, como estratégia pedagógica na educação infantil, através de esculturas, objetos e produção artístico-cultural indígena. As pesquisas contribuíram ao demonstrar que, no ensino de Artes, as atividades lúdicas, como estratégias de ensino, como desenho, pintura, colagem e modelagem, podem contribuir para o desenvolvimento integral da criança.

A transformação do conhecimento em virtude da manipulação de recursos físicos e/ou ideais, ou seja, a capacidade de modificar o meio, pela ludicidade presente em estratégias pedagógicas como aqui propostas, desperta no aluno um fazer reflexivo, o leva a aprender a fazer. As ações realizadas possibilitam a aprendizagem coletiva, desenvolvem a capacidade de convivência com o outro, estimulam a interação e o trabalho em equipe. Portanto, ajudam o aluno a aprender a conviver. Essa proposta busca trabalhar temas voltados à realidade do aluno, isso desperta sua autonomia e o senso de identidade, que impulsiona o “aprender a ser” (CABRAL, 2017).

A Educação Infantil é a primeira etapa da educação básica, divide-se em Creche (0 a 3 anos) e Pré-escola (4 a 5 anos). Sendo apenas a pré-escola com obrigatoriedade de atendimento para criança. O processo educacional, nesta modalidade, requer aulas planejadas para possibilitar a formação integral da criança, com estratégias lúdicas que despertem habilidades, competências criticidade, criatividade, afetividade, respeito às diferenças, socialização e trabalho em equipe (POMNITZ, 2015).

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil definem que a aprendizagem deve seguir os seguintes princípios, quais sejam, a ética, que envolve a autonomia, identidade, responsabilidade, solidariedade e diversidade); política com aspectos voltados a cidadania, criticidade e democracia e estética, pela ludicidade, criatividade e manifestações artísticas. A criança aprende, e constrói, sua identidade nas relações com o mundo, se tornado um sujeito ativo na sociedade. Para isso, a escola deve propor práticas que possibilitem o desenvolvimento da criança em esferas culturais, ambientais, artísticas, científicas e tecnológicas (BRASIL, 2010).

Para Neto (2011), na Educação infantil, utilizar estratégias de ensino voltadas à ludicidade, como a brincadeira e o jogo, possibilitam-na desenvolver a criança, em aspectos sociais, emocionais, identidade, autonomia, superação de desafios e descobertas, pela fantasia e criatividade. A criança vai moldando conceitos e estratégias para resolver conflitos.

A disciplina de Artes na educação infantil, para Coletto (2010), desperta a expressão, visão poética, criatividade e sensibilidade da criança, a arte ajuda a criança a interagir com a realidade, trazendo à tona seus desejos e medos. Por sua vez, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil acrescentam que a importância da Arte, para o desenvolvimento da criança, nessa modalidade, surge por proporcionar vivências e experiências que possibilitem a aquisição de conhecimento, despertando sentidos pela ludicidade (BRASIL, 2010).

Nesse contexto, Gaio (2015) afirma que o ensino da Artes na educação infantil incentiva a imaginação, a sensibilidade, os movimentos, os gestos, a criatividade, a socialização, a cognição e o pensamento, além disso, as diversas manifestações artísticas levam a criança a melhorar sua percepção de mundo e a conhecer sentimentos como a ternura, simpatia, empatia, solidariedade, gratidão e respeito.

Os índios brasileiros e capixabas ainda vêm lutando pelo reconhecimento, do seu espaço e cultura, contra a invisibilidade indígena existente nesse país, o que ocasiona a falta de respeito, e intolerância. O sistema educacional brasileiro tem cobrado que temas voltados à diversidade cultural brasileira sejam contemplados nas práticas curriculares em todas as modalidades, entre as quais temos a cultura indígena, com o propósito de valorizar a formação histórica, cultural e ética da sociedade brasileira.

A cultura indígena está presente na sociedade atual, seja pelos seus traços na cerâmica, moda, música, religião ou culinária. A arte indígena se destaca pela criatividade e utilização de materiais disponíveis na natureza, como a argila, para confecção de objetos. Com isso, Mendes (2016) afirma que a utilização da modelagem em argila, no contexto educacional, para trabalhar a cultura indígena, com a criança, possibilita, pela ludicidade, beleza e expressão sentimental, uma oportunidade de observar as manifestações artísticas e culturais, conhecer e refletir sobre o cotidiano e a presença desta cultura indígena em nossa sociedade. Isso

desperta na criança valores sociais, conscientização ambiental e respeito à diversidade social.

3 SEQUÊNCIA DIDÁTICA: MODELANDO E VALORIZANDO A CULTURA INDÍGENA

A Sequência Didática é uma metodologia de ensino que não se parece com um plano de aula, já que sua organização traz diferentes estratégias de ensino e aprendizagem, sendo destinada a um período mais de dias. Assim, a sequência pode ser definida como um conjunto de intervenções planejadas, etapa por etapa, com a intenção de despertar e consolidar saberes sobre os conteúdos e objetos de ensino (CABRAL, 2017).

Esta Sequência Didática assume, como pressupostos, os quatro pilares para a Educação, Ciência e Cultura adotados pela UNESCO, são eles: aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a viver com os outros e aprender a ser. Para Cerqueira (2013), as intervenções presentes na sequência didática trazem um aspecto desafiador no aluno, isso, porque, pela racionalidade, acaba (des)confiando dos conhecimentos adquiridos, o que faz com que aprenda a conhecer.

A metodologia denominada Sequência Didática parte da elaboração de um conjunto de atividades organizadas e relacionadas entre si e seu planejamento traz conteúdos propostos em cada etapa. Para Zabala (1998, p.18), a Sequência Didática configura-se como um conjunto de atividades “ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos”.

Nesse contexto, a Sequência Didática favorece aos alunos o acesso a diferentes instrumentos voltados à ludicidade. Com objetivos bem esclarecidos, pouco a pouco, os alunos vão trabalhando os conhecimentos propostos de maneira diferenciada, facilitando a consolidação das suas habilidades e capacidades.

Para o desenvolvimento desta sequência didática, os seguintes assuntos serão trabalhados: Pluralidade e diversidade cultural; Discriminação e preconceito; História, cultura, músicas indígenas; Valores éticos; Identidade e autonomia e Interações sociais.

3.1. ETAPA 1: CONSTRUÇÃO DO SIGNIFICADOS- HISTÓRIA DOS ÍNDIOS

Contribuição:

Conhecer a história indígena contribui para formação humana da criança, pelo reconhecimento dessa história, como parte da sociedade brasileira. O conhecimento dessa cultura ajuda a criança a entender que a história dos índios faz parte da nossa história e da história de cada sujeito que compõe a sociedade brasileira. Desse modo, a criança pode valorizar o índio, contribuindo para a diminuição do preconceito e discriminação.

Objetivos:

Conhecer e reconhecer a história dos índios, como história da sociedade, compreender as diferenças e semelhanças do modo de vida indígena e das pessoas que moram na cidade.

Recursos:

- Data show
- Vídeos

Estratégias:

Apresentação do vídeo da historinha: Nossos índios. Nossa história encontrada no link: <https://www.youtube.com/watch?v=64MISgBlr9A.>, para iniciar a construção das ideias sobre a cultura indígena.

Numa roda de conversa, solicitar que as crianças contem sobre o enredo da história, falando como os índios viviam, comiam, moravam, caçavam, se alimentavam e vestiam. O professor deve procurar fazer a relação entre as diferenças dos hábitos dos índios que vivem na floresta e as pessoas que vivem na cidade, no intuito de valorizar as culturas.

3.2 ETAPA 2: CONSTRUÇÃO DO SIGNIFICADOS-DANÇA E INSTRUMENTO MUSICAIS INDÍGENAS

Contribuição:

O reconhecimento da música, como expressão cultural individual ou grupal, auxilia no processo de formação humana, como recurso para exposição, reflexão e conscientização de questões sociais. Assim, por meio da musicalidade, das danças, dos variados instrumentos musicais e ritmos, próprios da cultura indígena, a criança desenvolve a clareza quanto à marca da cultura indígena na música brasileira. Favorece o conhecimento dos anseios e necessidades desses povos, a fim de que não se percam suas raízes e ocorra o processo de desindianização, que vem avançando na contemporaneidade.

Com a musicalização as crianças têm a oportunidade de empregar gestos, palavras, brincadeiras, jogos, imitações, observações e expressão corporal. Para isso, utilizam o corpo nas interações sociais, com criatividade e coordenação das habilidades manuais, despertando a percepção da música, discriminando os vários tipos de sons e ritmos e sua relação com a cultura e sociedade.

Objetivos:

- Conhecer as danças, músicas e instrumentos musicais indígenas.
- Perceber a música como forma de expressão individual ou em grupo, discriminando os vários tipos de sons e ritmos.
- Utilizar o corpo nas interações sociais (com criatividade, controle e adequação).
- Coordenar suas habilidades manuais na construção de instrumentos musicais indígenas, como material reciclado.
- Valorizar a diversidade cultural, especialmente a cultura indígena.

Recursos:

- Data show.
- Cartolina branca, pincel e lápis de cor.
- Tinta guache, tesoura, cola branca, durex e pistola de cola quente
- Vídeos.
- Fotos.

- Música.
- TNT e EVA
- Garrafa PET (reciclados)
- Cocas.
- Sementes (feijão)

Estratégias:

Apresentar, para as crianças, vídeos com danças e músicas indígenas, para imitarem a dança, observarem os instrumentos (tambores, flautas, chocalho e outros) e as vestimentas.

Conversar com as crianças, levando-as a refletir sobre em quais situações os índios realizam suas danças, se em cerimônias, momentos de lazer ou em apresentações.

Com material alternativo ou reciclado, estimular as crianças a construírem instrumentos musicais indígenas. Feito isso, apresentar novamente os vídeos com danças indígenas e deixar que as crianças reproduzam o ritmo com os instrumentos feitos por elas.

3.3 ETAPA 3: EXPLORANDO POSSIBILIDADES-ARTESANATOS INDÍGENAS

Contribuição:

Conhecer os artesanatos indígenas (cestos, colares, esculturas, pinturas corporais e adornos) pela criança auxilia no seu processo de formação humana, pelo reconhecimento destes objetos como parte da cultura indígena e brasileira. Com isso, a criança passa a identificar objetos indígenas usados na cozinha, moda, enfeites de casa e corpo, cerâmica e outros, o que desperta a valorização desta cultura como parte de sua vida.

Objetivos:

- Conhecer os artesanatos indígenas (cestos, colares, esculturas, pinturas corporais e adornos).
- Utilizar o corpo nas interações sociais (com criatividade, controle e adequação).

- Coordenar suas habilidades manuais artísticas na construção de desenhos de diversos artesanatos.
- Valorizar a diversidade cultural, especialmente a cultura indígena.

Recursos:

- Data show.
- Folhas de Papel A4.
- Caneta, lápis e borracha.
- Cartolina branca, pincel e lápis de cor.
- Tinta guache, tesoura, cola branca, durex e pistola de cola quente

Estratégias:

Com Power point mostrar diferentes tipos de artesanatos indígenas (cestos, colares, esculturas, pinturas corporais e adornos).

Conversar com as crianças sobre as características dos artesanatos indígenas (cores, tamanhos, formas e para que servem). Solicitar que as crianças desenhem, em folhas de A4, um dos artesanatos que conhecerem, de modo a levar a criança a criar formas diversas de artesanato, explorando possibilidades.

3.4 ETAPA 4: EXPLORANDO POSSIBILIDADES-MODELAGEM EM ARGILA

Contribuição:

A modelagem de objetos indígenas com argila consolida o aprendizado de conceitos voltados a esta cultura, pela sensação de aprender na prática, além disso, a utilização de material natural (argila), demonstra a relação do índio com a natureza, possibilitando a formação humana, pela ideia de sustentabilidade e uso adequado dos recursos naturais.

A manipulação com argila e criação da linguagem cultural pela criança auxiliam diretamente no desenvolvimento da criatividade, imaginação e coordenação motora final, além disso, promovem o valor estético, artístico e cultural, fatores que despertam a valorização cultural, construção de significados socioculturais, interação técnica e expressiva entre as crianças e os adultos.

Objetivos:

- Utilizar a modelagem em argila para reproduzir os instrumentos musicais, de caça, adornos, moradia, vestimentas e objetos indígenas.
- Empregar o corpo nas interações sociais (com criatividade, controle e adequação).
- Coordenar suas habilidades manuais na construção de objetivos indígenas com modelagem em argila.
- Expressar-se por meio das artes visuais, utilizando diferentes materiais.
- Relacionar-se com o outro empregando gestos, palavras, brincadeiras, jogos, imitações, observações e expressão corporal.
- Valorizar a diversidade cultural, especialmente a cultura indígena.

Recursos:

- Caneta, lápis e borracha.
- Cartolina branca, pincel e lápis de cor.
- Tinta guache, tesoura, cola branca, durex e pistola de cola quente
- Argila.

Estratégias:

Propor que os alunos utilizem argila para modelagem dos instrumentos musicais, de caça, adornos, moradia, vestimentas e objetos dos índios pelos alunos.

Realizar intervenções sobre a valorização dessa cultura, como formadora da sociedade, impulsionando as interações entre os alunos, no trabalho em equipe.

3.5. PRODUTO FINAL: MOSTRA CULTURAL INDÍGENA**Contribuição:**

A realização da Mostra dos objetos indígenas construídos pelos alunos auxilia na sua formação humana, pois, pela interação com seus pares, trocam experiência do que foi construído, demonstrando, na prática, o que aprenderam. Esse processo desperta a interação, socialização, empatia, trabalho em equipe e valorização da cultura indígena.

O trabalho realizado pelas crianças, em todas as etapas, sendo consolidado na mostra cultural, possibilita a aprendizagem colaborativa, pelas ações em torno da modelagem em argila, aumento da criatividade pela expressão. Por meio de tais estratégias os alunos puderam compartilhar suas angústias e incertezas, sua interação com o mundo, pelo contato com a argila, que desperta os sentidos do corpo, sua subjetividade, pela interação do aluno com sua produção artística, que remete às questões sociais e culturais.

Objetivos:

- Apresentar à comunidade escolar os instrumentos musicais, de caça, adornos, moradia, vestimentas e objetos indígenas, construídos a partir da modelagem em argila
- Utilizar o corpo nas interações sociais (com criatividade, controle e adequação).
- Expressar-se por meio das artes visuais, utilizando diferentes materiais.
- Relacionar-se com o outro empregando gestos, palavras, brincadeiras, jogos, imitações, observações e expressão corporal.
- Valorizar a diversidade cultural, especialmente a cultura indígena.

Recursos:

- Caneta, lápis e borracha.
- Cartolina branca, pincel e lápis de cor.
- Tinta guache, tesoura, cola branca, durex e pistola de cola quente
- Argila.
- Mesas.

Estratégias:

Realizar uma mostra dos objetos indígenas construídos com a modelagem, para que outras turmas da Educação Infantil possam ter acesso aos conhecimentos auferidos com essa proposta, sendo impulsionados a socializarem com outros pares e valorizarem a diversidade.

3.6. PROCESSO AVALIATIVO

A avaliação da sequência didática será processual, pois será realizada ao longo da execução de todas as ações previstas, como proposto a seguir

- Análise da participação dos alunos em todas as etapas
- Observação das conclusões, desenhadas e orais relatados pelos alunos durante a realização das atividades propostas.
- Apreciação do entrosamento do aluno e a relação com o que foi estudado e ações efetivadas e a promoção da conscientização sobre o respeito e tolerância.

4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A aplicação da Sequência Didática compõe a estratégia metodológica para o produto educacional de nossa pesquisa de mestrado, como já mencionado anteriormente. A estratégia de preparar atividades em etapas, com diferentes graus de dificuldades, para diagnosticar os conhecimentos prévios dos alunos, é particularmente relevante para a consolidação da aprendizagem.

A reflexão sobre as conclusões obtidas com as observações registradas durante a aplicação das atividades pelos professores das turmas pesquisadas trouxe a constatação de que a utilização da Sequência Didática se torna criativa com a ludicidade, pois conta com várias maneiras de introdução do conhecimento, respeito às habilidades e competências de cada criança, facilitando sua consolidação.

Os trabalhos pedagógicos realizados nessa proposta colaboram para uma diferente forma de explorar os saberes, através do lúdico, possibilitando o desenvolvimento da criança na disciplina de Artes, apropriando conceitos e história da cultura indígena, pela utilização de recursos materiais naturais de fácil acesso, como a argila, além disso, as crianças interagiram com seus pares, nas danças, na confecção de vestimentas e adornos.

Com a aplicação da Sequência Didática, apontamos o desenvolvimento das crianças em vários aspectos da formação humana, como a convivência em grupo, o compartilhamento dos saberes aprendidos, criatividade, sensibilidade e respeito para com os diferentes. A realização das atividades propostas na sequência veio a favorecer a construção de um novo mundo para criança, pelo encantamento e imaginação.

Os resultados alcançados com a aplicação desse produto educacional demonstram que as Sequências Didáticas podem se constituir como ferramentas para o ensino das manifestações artísticas e da cultura indígena, permitindo-nos concluir que esse recurso pode potencializar o ensino de outros conteúdos na educação infantil em outra modalidade da educação básica.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília-DF, 2010.

CABRAL, Natanael Freitas. **Sequências didáticas**: estrutura e elaboração. Belém: SBEM / SBEM-PA, 2017. Disponível em: <www.sbembrasil.org.br/files/sequenciasdidaticas.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2019.

COLETO, Daniela Cristina. A importância da arte para a formação da criança. **Revista Conteúdo**, Capivari, v.1, n.3, jan./jul. 2010. Disponível em: <<http://www.conteudo.org.br/index.php/conteudo/article/viewFile/35/34>>. Acesso em: 26 ago. 2019.

CERQUEIRA, Dermeval Santos. Estratégias didáticas para o ensino da Matemática. 01 set. 2013, **Novaescola**, 2013. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/2197/estrategias-didaticas-para-oensino-da-matematica>>. Acesso em: 26 ago. 2019.

GAIO, Rosilene Maria da Silva. **Um olhar sobre educação infantil**: e a Arte onde está? E o corpo como está? 2015. 144 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Processos Socioeducativos e Práticas Escolares, Universidade Federal de São João del-Rei, Minas Gerais, 2015. Disponível em: <<https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/mestradoeducacao/Dissertacao%20Rosilene%20Maria%20da%20Silva%20Gaio.pdf>>. Acesso em: 26 ago. 2019.

MENDES, Nelci Bento Garcia. Modelagem em argila com estudantes do nono ano do ensino fundamental: valorizando a cultura indígena. In: **Os desafios da escola paranaense na perspectiva do professor PDE – Produções Didático-Pedagógicas**, [online], v. II, Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE, Governo do Estado do Paraná, 2016. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_arte_uel_nelcibentogarcia.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2019.

NETO, Rosângela Silva. **O lúdico no currículo da educação infantil**: debates e proposições contemporâneos. 2012. 68 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Teologia) – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2012. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=99404>. Acesso em: 01 set. 2019.

POMNITZ, Naila Cohen. **O curso de pedagogia EAD a formação para atuação na educação infantil**: o olhar dos sujeitos no âmbito das práticas. 2015. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, UFSM. 2015. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2712157>. Acesso em: 22 ago. 2019.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa**: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

APÊNDICE C – ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

Essa proposta de coleta de dados pela observação é fundamentada nos campos de experiência definidas pela BNCC (2015), ou seja, as habilidades e competências que a criança deve desenvolver na Educação Infantil. Portanto, levaram em conta a expressão do comportamento manifestado durante as ações definidas na sequência didática proposta neste estudo.

(continua)

SITUAÇÃO	PROPOSTA DE OBSERVAÇÃO	CONCLUSÕES OBTIDAS
<p>Construção de ideias sobre a cultura, músicas, danças, instrumentos musicais e vestimentas indígena.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Respeitar o outro, regras de convívio e a diversidade; - Expressar ideias, desejos e sentimentos; - Argumentar e relatar fatos oralmente. - Ouvir, compreender, contar, recontar e criar narrativas; - Expressar sentimentos, emoções e solidariedade; - Perceber a música como forma de expressão individual ou em grupo, discriminando os vários tipos de sons e ritmos. 	
<p>Apresentação e desenho de artesanatos indígenas pelas crianças.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Utilizar o corpo nas interações sociais (com criatividade, controle e adequação); - Coordenar suas habilidades manuais. 	
<p>Modelagem dos instrumentos musicais, de caça, adornos, moradia, vestimentas e objetos dos índios</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Expressar-se por meio das artes visuais, utilizando diferentes materiais; - Utilizar o corpo nas interações sociais (com criatividade, controle e adequação); - Coordenar suas habilidades manuais; - Relacionar-se com o outro empregando gestos, palavras, brincadeiras, jogos, imitações, observações e expressão corporal. 	

(conclusão)

Mostra dos objetos indígenas construídos com a modelagem,	<ul style="list-style-type: none">- Expressar-se por meio das artes visuais, utilizando diferentes materiais;- Relacionar-se com o outro empregando gestos, palavras, brincadeiras, jogos, imitações, observações e expressão corporal.
--	--
